

**U. PORTO**



FACULDADE DE DESPORTO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

**Universalidade *versus*  
Especialização Funcional no Futsal.**  
Estudo realizado com base nas  
percepções de treinadores.

André Martins Correia

Porto, 2009



**Universalidade *versus* Especialização  
Funcional no Futsal.** Estudo realizado  
com base nas percepções de treinadores.

Monografia realizada no âmbito da disciplina de  
Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e  
Educação Física, na área de Desporto de Rendimento  
– opção de Futebol, da Faculdade de Desporto da  
Universidade do Porto

Orientador: Prof. Doutor Júlio Garganta

André Martins Correia

Porto, 2009

Correia, A. (2009). *Universalidade versus Especialização Funcional no Futsal: Estudo realizado com base nas percepções de treinadores*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**PALAVRAS-CHAVE:** FUTSAL, UNIVERSALIDADE, ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL

## **AGRADECIMENTOS**

A todos que constituem o Universo que tornou possível a realização deste trabalho, não poderia deixar de agradecer de uma forma Especial...

Assim...

“Um bem-haja” à Alice, e ao Fernando ‘Chico’ que lutaram para que eu sempre alcançasse. Que me deram uma irmã, Inês, que me ensina todos os dias a ser persistente, e um irmão, Tiago; quem seria eu sem ti? Um por todos e todos por um...não é?

Ao Diogo, a vida também nos vai dando irmãos adoptivos. À Marta e à Sara. Ao André ‘Areosa’ e ao Filipe ‘Bob’. Ao Luís, isto foi bem mais fácil com a tua ajuda.

Aos amigos de Penedono, tão longe mas sempre presentes.

Ao meu Orientador, Prof. Doutor Júlio Garganta.

Aos treinadores que com uma prontidão admirável contribuíram sob um só pretexto: a paixão pela modalidade.



## INDÍCE GERAL

AGRADECIMENTOS	I
INDÍCE GERAL	III
RESUMO	V
ABSTRACT	VII
RÉSUMÉ	IX
1 - INTRODUÇÃO	1
Âmbito e Pertinência do Estudo	3
1.1. Delimitação do problema	4
1.2. Estrutura do trabalho	6
2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
2.1. Futsal – um “parente pobre” do Futebol?	9
2.2. Futsal como Modalidade Colectiva	10
2.3. Sistema de jogo	12
2.4. Evolução dos Sistemas (Aparecimento da «especialização funcional» e mais tarde a «universalidade»	13
2.5. Especialização funcional	15
2.6. Universalidade	16
3 – METODOLOGIA	19
4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS	25
5 - CONCLUSÕES	33
SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS	i



## RESUMO

O objectivo principal deste trabalho incide na pesquisa e entendimento de dois conceitos: Universalidade e Especialização Funcional que numa primeira abordagem podem parecer antagónicos mas que se revelam ser “complementaridades naturais”.

A metodologia empregue para a consecução deste objectivo consistiu numa revisão da literatura relativamente à problemática em questão e na realização de três entrevistas, duas a Treinadores da I Divisão Nacional de Futsal (época 2009/2010) e uma outra ao Treinador Adjunto da Selecção Nacional de Futsal.

Desta forma concluímos com base na revisão da literatura e das entrevistas levadas a efeito que Universalidade e Especialização Funcional se relacionam directamente com o sistema de jogo utilizado. Recolhemos ainda consenso em relação ao aparecimento destes dois conceitos na evolução da modalidade, sendo que com o sistema 3:1 a especialização dos jogadores começou a ficar mais definida e as suas funções mais bem estabelecidas e, mais tarde, com a implementação do sistema 4:0 surge conseqüentemente uma grande universalidade de funções nos jogadores. O jogador universal é de facto um jogador evoluído, quando consegue resolver as tarefas implícitas a cada posição com relativa facilidade e eficácia.

**PALAVRAS-CHAVE:** FUTSAL, UNIVERSALIDADE, ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL



## **ABSTRACT**

The main objective of this work focuses on research and understanding of two concepts: Universality and Functional Specialization which at first glance may seem conflicting but that reveal themselves to be "natural complementarity".

The methodology used to achieve this objective consisted of a literature review concerning the issue in question and the achievement of three interviews, two coaches of the Division I National Futsal (2009/2010 season) and another to the Assistant Manager of National Team Futsal.

Thus we conclude based on literature review and interviews carried out that Universality and Functional Specialization directly related to the game system used. Collect further consensus on the development of these two concepts in the evolution of the sport, and with the 3:1 system the expertise of the players became more defined and its functions better established and, later, with the implementation of the 4:0 arises therefore a great universality of functions on the players. The universal player is a player that evolved, he manages to solve the tasks implicit in each position with relative ease and effectiveness.

**KEYWORDS:** FUTSAL, UNIVERSALITY, FUNCTIONAL SPECIALIZATION



## RÉSUMÉ

L'objectif principal de ce travail se centre sur la recherche et la compréhension de deux concepts: L'Universalité et l'Expertise Fonctionnelle qui, à première vue, semblent contradictoires, mais qui se révèlent être «complémentarités naturelles».

La méthodologie utilisée pour atteindre cet objectif a consisté en une revue de la littérature concernant la question en cause et la réalisation de trois interviews, deux à des entraîneurs de la Division I Nationale de Futsal (de la saison 2009/2010) et une autre au gestionnaire adjoint de l'équipe nationale de Futsal.

Donc, nous concluons, en partant de l'examen de la littérature et des interviews réalisées, que l'Universalité et La Spécialisation Fonctionnelle ont un rapport direct avec le système de jeu utilisé. Nous avons obtenu un consensus sur la source de ces deux concepts en ce qui concerne l'évolution de ce sport, disons que avec le système 3:1 l'expertise des joueurs est devenue plus définie et leurs fonctions mieux établies et, plus tard, avec la mise en œuvre du système 4:0, apparaît par conséquent, une grande universalité de fonctions sur les joueurs. Le joueur universel est en fait un joueur qui a évolué, quand il parvient à résoudre les tâches implicites à chaque position avec une relative facilité et efficace.

**MOTS-CLES:** FUTSAL, L'UNIVERSALITÉ, L'EXPERTISE FONCTIONNEL



## **1 - INTRODUÇÃO**



## Âmbito e Pertinência do Estudo

*“...«Cada um sabe mais quanto tenha duvidado». E se esse saber o podemos designar por (ou queremos que se constitua como...) conhecimento é porque, primeiramente, ele é reconhecimento. Reconhecimento dessa falha, da fissura, da ignorância. Um reconhecimento que “deslimita” o olhar, que o abre, que impele: «O esforço com que procuramos o ser brota e alimenta-se de uma dimensão radical da nossa vida, que é a ignorância. Este é o mais autêntico pressuposto do conhecimento» ” (Pinto, 2002)*

Os Jogos Desportivos Colectivos (JDC) são actualmente, um campo fértil em investigação científica. São vários os autores que através de análises, observações e registos vêm desenvolvendo um sustentado corpo de conhecimentos com o objectivo da evolução das diversas modalidades.

Garganta & Pinto (1989, p. 94) afirmam que a “análise das características particulares do jogo, a verificação das suas tendências evolutivas e as repercussões destas na orientação metodológica do processo de treino desportivo, constituem aspectos determinantes para a elevação do nível de jogo e para a conseqüente evolução da modalidade”.

No entanto, são vários os autores (Braz, 2006; Pinto, 2005) que referem que, pelo facto de o Futsal se encontrar ainda em estado embrionário, apesar de em franca evolução, apresenta grandes lacunas ao nível do conhecimento específico e onde os estudos científicos são praticamente inexistentes em Portugal.

Tal como refere Voser (2001, p. 13), o Futsal, “ (...) sendo hoje considerado um dos três desportos mais populares no país (Brasil), tem nos últimos anos conquistado lugar de destaque entre os desportos de quadra. É praticado por

milhões de pessoas em todos os continentes, tanto como forma de lazer, quando sob a forma de desporto competitivo. No entanto, e apesar do crescente e acelerado impulso, bem como dos esforços do Futsal no Brasil, observa-se a necessidade de mais qualificação e conhecimento acerca das ciências que cerceiam este desporto”.

Assim, a pertinência deste trabalho prende-se com a tentativa de ajudar a reduzir esta ausência de conhecimento científico em relação a uma modalidade que de uma forma gradual tem conquistado um reconhecimento inequívoco no seio dos JDC.

Não criando verdades universais mas procurando essencialmente a criação de conjecturas que dentro de uma lógica de ciência sejam coerentemente apresentadas, permitindo ser expostas à crítica e possível refutação (Travassos, 2005).

### 1.1. Delimitação do problema

*«Penso que só há um caminho para a ciência ou para a filosofia: encontrar um problema, ver a sua beleza e apaixonar-se por ele; casar e viver feliz com ele até que a morte nos separe - a não ser que encontrem outro problema ainda mais fascinante, ou, evidentemente a não ser que obtenhamos uma solução, poderemos então descobrir, para nosso deleite, a existência de toda uma família de problemas-filhos, encantadores ainda que talvez difíceis, para cujo bem-estar poderemos trabalhar, com um sentido, até ao fim dos nossos dias.»*  
(Popper, 1989)

Depois de entrar em contacto com o “mundo” do Futsal, rapidamente nos deparámos com um “problema”. Num passado recente houve uma corrente que defendia que no Futsal vivia uma fase em que já não se produzia pivôs. Esta

era uma razão apontada para alguns insucessos desportivos. Paulo Fernandes (in Mendonça, 2009 Anexo IV) é peremptório ao afirmar: “Hoje estamos a pagar os nossos devaneios de há 9/10 anos atrás. Hoje queixamo-nos que a selecção não tem um pivô nem referências atacantes. Isto porque, durante 5/6 anos, deu-nos o devaneio do 4-0 e o que é engraçado é que temos que assumir esses erros, conforme os espanhóis também o assumiram”. Contudo, temos outro treinador com uma perspectiva diferente e que diz que não tem nem defesas nem atacantes. Tem jogadores que se preocupa com a universalidade deles (T.A in Barros, 2007 Anexo II).

Assim, deparamo-nos com duas visões sobre o caminho para o sucesso nesta modalidade e ao mesmo tempo surge o tema deste trabalho: Universalidade *versus* Especialização Funcional. Qual será o caminho para o sucesso em alto rendimento nesta modalidade? Ter jogadores universais ou ter jogadores especializados numa função específica. Estes dois conceitos são duas realidades antagónicas? Ou poderão ser realidades complementares?

É sobre esse pressuposto que nos propomos a realizar este trabalho, procurando determinar o significado de cada conceito,

“Com efeito, o nosso objectivo enquanto cientistas é descobrir a verdade acerca dos nossos problemas; e devemos olhar para as nossas teorias como sérias tentativas de encontrar a verdade. Mesmo não sendo verdadeiras, essas teorias podem, manifestamente, construir importantes pontos de apoio no nosso caminho para a verdade, instrumentos para futuras descobertas”  
“...concluimos que não queremos sequer, uma teoria altamente provável. Assimilando a racionalidade à atitude crítica, nós procuramos teorias que, por muito falíveis que sejam, progridem para além das suas predecessoras – o que significa que podem ser mais rigorosamente testadas, e resistir a alguns dos novos testes” (Popper, 2003, p. 331).

## 1.2. Estrutura do trabalho

O presente estudo será estruturado em 7 capítulos.

O primeiro, Introdução, é apresentado o âmbito e pertinência do estudo, a delimitação do problema e explica a estrutura do trabalho.

O segundo, consiste na Revisão Bibliográfica onde se caracteriza a modalidade e se confirma o Futsal como modalidade desportiva, se define sistema e a evolução deste no Futsal e se apresenta os conceitos de especialização funcional e de universalidade.

No terceiro capítulo, enquadramento Metodológico, é apresentada a caracterização da amostra, a metodologia utilizada e a recolha de dados.

O capítulo quarto, Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados, são apresentados os resultados comparando-os com a revisão bibliográfica.

No quinto são realizadas as conclusões do estudo.

No sexto ponto são apresentadas Sugestões para Futuros Estudos

No sétimo ponto está presente a Bibliografia utilizada.

E no oitavo e último ponto está em Anexo as entrevistas realizadas à amostra.

## **2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**



## 2.1. Futsal – um “parente pobre” do Futebol?

O Futsal tem apresentado um crescimento considerável nas duas últimas décadas não só considerando os aspectos do jogo, como também os organizacionais. Isto deve-se sobretudo ao empenho dos clubes, das associações e de empresas patrocinadoras e ao interesse dos Média (Gomes & Machado, 2001).

No Brasil é uma modalidade de grandes proporções de popularidade no contexto desportivo (Gomes & Machado, 2001; Souza, 2002) e é inserido na classificação dos JDC pois apresenta características comuns a outras modalidades deste grupo (Azevedo, 2002; Souza, 2002).

Admite-se que é uma modalidade alicerçada sobre a influência do Futebol pois apresenta características que, à primeira vista, nos parecem muito semelhantes a esta modalidade. Porém, para Travassos (2005, p. 13) estas semelhanças assentam principalmente no facto de ambas as modalidades “serem um desporto predominantemente colectivo, de as tecnologias utilizadas para o jogo se assemelharem e de o objectivo convencionado a alcançar ser o mesmo e concretizado da mesma forma, após a bola ultrapassar a linha de baliza.”

Sendo que, como referem vários autores (Azevedo, 2002; Valdericeda, 1994) o Futsal assemelha-se ainda a outras modalidades como: Andebol, devido às dimensões do campo; Hóquei em Patins, tendo em ponderação as rotações que se utilizam para criar espaços e desequilíbrios da organização defensiva adversária, Basquetebol, por se utilizarem os bloqueios para criar espaços e conquistar linhas de passe; e Futebol, como por exemplo, o mesmo objectivo de jogo – marcar golos na baliza adversária, o objecto de jogo (bola) ser jogado com os pés, entre outras.

Assim, como nos refere Oliveira (1998) e apesar de concordar com a afinidade entre o Futsal e Futebol, esta, parece cada vez mais, estabelecer-se no plano exclusivamente técnico. Corroborando a ideia manifestada por Zego quando nega que, ao mais alto nível, a modalidade mais semelhante ao Futsal seja o futebol, uma vez que, a actual dinâmica de jogo, tenha maior correspondência com uma partida de basquetebol.

Assim parece-nos que o Futsal tem-se afirmado aos poucos como modalidade com identidade própria (Braz, 2006; Fernandes, 2003), apontando as tendências evolutivas para uma “especialização cada vez mais profunda” tanto no plano tático, energético, mental/psicológico, regulamentar e até técnico.

Da mesma forma que nos parece que actualmente a noção, ou ideia de considerar o Futsal como uma variante do Futebol a ser praticado por jogadores em final de carreira ou nas fases de transição das épocas, por erradamente exigir um esforço menos intenso, estão completamente ultrapassados(Gama, 2001 cit. por Fernandes, 2004)

Concluindo, é legítimo afirmar que nos tempos que correm fruto da especificidade tática, do aperfeiçoamento técnico e do desenvolvimento energético-funcionais, bem como da proveniência dos jogadores dos escalões de formação, a ideia que o Futsal seria um parente pobre do Futebol parece cada vez mais distante (Amaral, 2004).

## **2.2. Futsal como Modalidade Colectiva**

Apesar de integrado no conjunto de modalidades que constituem os JDC, o Futsal ainda não possui lugar de destaque na pesquisa científica, ao invés do Futebol, Basquetebol, Andebol e Voleibol (Braz, 2006). Deste modo, pouco são os dados e informações referentes às variáveis do jogo de Futsal (Barbero, 2002; Souza, 2002), facto que se constata quando se procede à análise da literatura especializada.

Os JDC representam um conjunto variado de modalidades desportivas (onde se inclui também o Futsal) por colocarem num espaço delimitado, perante as mesmas regras e com os mesmos objectivos, duas entidades colectivas, que planificam as suas acções para agir numa situação de oposição, cujo comportamento é determinado pelas relações de contraste (ataque-defesa), em relação à bola, ao cesto ou à baliza do adversário e por isso o Futsal pode ser inserido neste conjunto (Claudino, 1993; Konzag, 1991).

Ideia corroborada por Sampedro (1997) quando considera que o Futsal, pertence à categoria dos jogos desportivos colectivos, pois pode ser definido como um jogo de actividade complexa e dinâmica, devido à multiplicidade de dimensões que incidem directamente na acção sócio-motriz e no desenrolar dos processos de jogo.

Já Garganta (1998) acrescenta dois traços fundamentais que fazem ressaltar a identidade e importância dos JDC, são eles o apelo à cooperação e o apelo à inteligência. Cooperação no sentido em que cada jogador subjugua a sua individualidade ao colectivismo da equipa, no intuito de alcançar o entrosamento fundamental para ultrapassar a teia adversária a alcançar o objectivo do jogo (o golo). Inteligência no sentido em que os jogadores não se enclaustram só naquilo que já sabem executar, mas que tenham a capacidade de resposta perante as distintas exigências que o jogo lhes vai colocando.

Os JDC podem ainda caracterizam-se por uma enorme imprevisibilidade de acções, e os problemas que se colocam aos jogadores serão de natureza táctica. Desta forma, ele deve saber o que fazer, para depois seleccionar o procedimento técnico mais adequado. Nesta perspectiva, as competências dos jogadores, ultrapassam largamente o domínio de um conjunto de habilidades (Garganta, 1997).

Garganta & Oliveira (1996, p. 9) afirmam: “Nos JDC os jogadores desenvolvem sequências de acções e tomadas de decisão encadeadas, de acordo com as fases de ataque e defesa. O domínio das técnicas específicas e a capacidade de tomada de decisão, dependem da sua adequabilidade à situação de jogo”.

Esta modalidade procura características multifuncionais, isto é, jogadores que saibam jogar em todas as posições (jogador polivalente), a melhoria das acções táctico-técnicas, devido ao aperfeiçoamento (carga horária de treinos mais elevada, os escalões de base com formação no Futsal), maior velocidade de execução gestual e uma maior intensidade em jogo (somente descanso no banco ou nos tempos mortos do jogo, permitindo aos seus jogadores uma maior continuidade nas acções de jogo) (Rodriguez, 2000).

### **2.3. Sistema de jogo**

Sistema é a maneira de distribuir os jogadores em campo (Voser, 2003). Define a posição ocupada no terreno de jogo pelos jogadores que constituem uma equipa ou seja, a posição de partida define o sistema e a mobilidade define a táctica (Moreno, 1981; Voser, 2003). Para Moreno (1981), se não existisse táctica no Futebol, isto é, para além da posição de partida, também posição de chegada ou de realização, os jogadores seriam como atletas numa vitrina, sem qualquer mobilidade. Este acrescenta ainda, que o sistema de jogo se baseia em posições de partida, procurando uma certa racionalidade e distribuição proporcional no terreno.

Segundo Teodorescu (1965, cit. por Gréhaigne, 1992, p. 54) a noção de sistema de jogo representa "... a forma geral de organização das acções ofensivas ou defensivas dos jogadores, pelo estabelecimento de um dispositivo preciso, de certas tarefas (postos e ocupações do terreno), portanto de certos princípios de colaboração entre eles. O sistema de jogo representa a estrutura fundamental da táctica colectiva da equipa".

Já Sampedro (1997) refere que eleger o sistema de jogo em função dos jogadores que se dispõe é a opção mais utilizada, já que o inverso não é geralmente exequível devido à dificuldade na hora de recrutar novos jogadores para a equipa. Este deve ainda ser estruturado com base nas características

físicas, técnicas, táticas e da personalidade dos jogadores à disposição. Um sistema pode ser um objectivo como ideia e estrutura mas deve adaptar-se dentro do equilíbrio das capacidades, qualidades e valor dos jogadores. A solução ideal era poder contar com jogadores que «são feitos» para o sistema defendido pelo treinador (Visentini, 2006).

Para Sampedro (1997) todos os sistemas de jogo se valorizam entre outros aspectos, em função da maneabilidade tática ou universalização das suas posições. Um sistema é tanto mais rico quanto mais possibilidades oferece aos jogadores.

Ao nível da formação dos jovens jogadores, a troca de funções deve ser um princípio sempre presente e no futuro é que virá a especialização. Existem propostas alternativas, considerando que não havendo postos específicos, os jogadores vão passar por todos eles, jogando assim em todas as posições (Sampedro, 1997).

## **2.4. Evolução dos Sistemas (Aparecimento da «especialização funcional» e mais tarde a «universalidade»**

### **2.4.1 Especialização de funções (3:1)**

Voser (2001) refere que o sistema (3:1) é dos mais utilizados no Futsal.

Com o aparecimento deste sistema, a especialização dos jogadores começou a ficar mais definida e as suas funções melhores estabelecidas. Surgem denominações específicas para as funções dos diferentes jogadores que compõem uma equipa de Futsal, em função da especificidade de tarefas inerentes a determinados espaços predominantemente ocupados (Braz, 2006).

De acordo com esta especificidade de tarefas surge a denominação de fixo que segundo Sampedro (1997), também pode ser chamado de jogador central e

que ocupa a posição mais recuada do terreno de jogo, predominando a função de defesa sobre a de finalizador. A partir desta posição privilegiada, é simultaneamente armador das acções ofensivas e a par do guarda-redes organiza o processo defensivo. A antecipação, a velocidade e a decisão são qualidades específicas desta posição. Os alas são especialistas no contra-ataque, já que se caracterizam pela sua velocidade com e sem condução de bola e sabem bem finalizar em situações de superioridade numérica. São denominados de direito ou esquerdo conforme a parte do campo que ocupam e não pela sua lateralidade. O jogador que se caracteriza por se situar mais perto da baliza adversária e que, com frequência joga de costas para a baliza é o pivô. Predomina o seu jogo ofensivo e finalizador. É o melhor na recepção da bola em qualquer posição tal como a sua protecção. No processo defensivo ocupa sempre posições mais avançadas.

#### **2.4.2 Universalidade (4:0)**

Este sistema de jogo é dos mais inovadores do Futsal moderno e o que se impõe mais na actualidade (Sampedro, 1997; Voser, 2001).

No entendimento de Voser (2001) esta estrutura apresenta vantagens no facto de se dispor de todo o espaço de ataque livre para jogar e conseguir superioridade, devido às movimentações constantes. No entanto, este salienta que há necessidade de todos os jogadores serem exímios no contacto com a bola, independentemente do seu estatuto posicional (incluindo o guarda-redes), que tenham boa técnica e, acima de tudo, que saibam jogar em equipa.

Com o aparecimento deste sistema, surge conseqüentemente uma grande universalidade de funções nos jogadores. Como referem (Repullo Casas e Luque Reina, 2004 cit. por Braz, 2006), as equipas de Futsal são compostas por um conjunto de jogadores que só em pequenos casos são especializados em alguma função específica dentro do campo.

De acordo com Voser (2001), todos os jogadores que joguem com este sistema devem assumir os papéis em diferentes sectores da quadra.

## **2.5. Especialização funcional**

Muitas vezes, o tipo de acções solicitadas ao jogador, dentro das subestruturas do jogo, confere-lhe uma funcionalidade específica (Teodorescu, 1984).

Para Selinger (1986) a especialização significa treinar cada jogador para uma ou duas tarefas, em detrimento da formação de todos os jogadores para todas as funções.

Subjacente ao conceito de especialização é o pressuposto que quanto menos funções um jogador tiver que aprender, maior a probabilidade de se tornar eficiente no desempenho dessas funções (Selinger, 1986).

Ainda o mesmo autor diz: “A especialização de jogadores, afigura-se como uma *sine qua non* para o sucesso de uma equipa. Com ela pretende-se potenciar as qualidades de cada elemento da equipa numa ou duas tarefas de jogo tendo como objectivo desenvolver ao máximo o desempenho individual e a maestria dos jogadores para posteriormente combinar todos os valores individuais numa equipa harmoniosa, sendo o resultado do desempenho melhor do que a soma das partes individuais”.

Segundo Teodorescu (1984) o processo de especialização passa, necessariamente, por um processo de selecção dos jogadores que é uma das tarefas do treinador.

Para Ramos (1997) a especialização funcional tem como objectivo principal rentabilizar ao máximo as potencialidades de cada jogador. Para além disso, pretende-se dividir responsabilidades relativas a cada jogador em função das suas características.

## 2.6. Universalidade

Alguns autores defendem que a própria modalidade é propícia no desenvolvimento da universalidade de funções. Amaral (2004, p. 17) diz-nos que “devido às dimensões do campo e ao número de jogadores, permite a participação activa de todos os elementos da equipa, quer no processo ofensivo, quer no defensivo, o que desenvolve a polivalência e a universalidade nos jovens jogadores. Ricardo Gomes in (Megafone, 2006) concorda com esta perspectiva quando afirma:” É uma modalidade que promove a polivalência e ajuda os jogadores a tornarem-se mais versáteis.”

Dada a mobilidade constante que o jogo de Futsal apresenta, a capacidade de assumir todas as funções e conseqüentemente as tarefas inerentes será fundamental, pelo que é característico do jogador evoluído. Por conseguinte, as funções não são rotuladas a um jogador específico. Estes devem sim, ser capaz de assumir determinadas funções, em relação ao posicionamento da bola, e à sua localização no espaço (Braz, 2006).

Concordamos que o Futsal devido às suas características específicas seja um meio favorável ao desenvolvimento da universalidade, versatilidade ou polivalência. Porém, consegue-se facilmente determinar o momento a partir do qual a universalidade de funções ganha mais preponderância, e esse momento é realmente o aparecimento do sistema 4:0.

A partir deste momento os jogadores deixam de estar “presos” a um posto. Outrora os jogadores desenvolviam as suas capacidades em função de uma determinada área, isto fazia com que a equipa ficasse compartimentada e conseqüentemente tornava-se mais permeável ao nível da organização. Porém, os jogadores evoluíram da noção estática de posto e “são obrigados assim a cumprir alternadamente tarefas técnico táticas tanto da fase ofensiva como defensiva em curtos intervalos de tempo. Com efeito, esta ambivalência da actividade dos jogadores (ataque/defesa) determina igualmente que esta deverá assumir outras missões táticas específicas distintas das suas (que

consubstancia uma maior cultura tática), dentro do quadro referencial das necessidades da equipa” (Castelo, 1994, p. 353).

Constatamos portanto, que nesta perspectiva as posições (fixo, ala e pivô), indicam apenas o local inicial de actuação, porque “a sua actividade real ultrapassa em muito o limite das obrigações resultantes destas denominações, desaparecendo assim as fronteiras entre as funções dos jogadores dentro da equipa” (Castelo, 1994, p. 353).

Navarra (1980, cit. por Castelo, 1994) sublinha a necessidade dos jogadores combinarem a sua universalidade, e o seu nível de especialização. O jogador deverá ser capaz de resolver as tarefas específicas da sua função dentro da formação, e passar imediatamente a uma espécie de superestrutura que é a universalidade.

Segundo Kacani (1981) segundo a quantidade e qualidade de trabalho que desempenham em jogo os jogadores podem dividir-se em 3 categorias:

➤ Jogadores universais: são capazes de cumprir as tarefas da fase defensiva e ofensiva do jogo nas zonas do terreno de jogo respectivo a cada fase sendo conhecedores das exigências das diferentes funções a desempenhar. Estes jogadores caracterizam-se pela sua independência no momento de resolver situações complexas independentemente da zona ou sector do terreno de jogo.

➤ Jogadores semi-universais: são capazes de cumprir tarefas de uma das fases de jogo (defensiva ou ofensiva) na zona defensiva ou ofensiva e nos sectores de terreno de jogo, próprios de cada uma delas.

São conhecedores e dominam as funções de um dos “postos”. A sua independência a resolver situações de jogo manifesta-se só numa fase do jogo.

➤ Especialistas: capazes de cumprir satisfatoriamente as tarefas de apenas uma das fases de jogo num “posto” da zona defensiva ou da

ofensiva. A sua independência manifesta-se só em determinados sectores do terreno de jogo, cumprindo as exigências de uma única função.

Castelo (1994, p. 354) indica que “o principio da universalidade/especialização vai condicionar o nível de preparação do jogador, através de um conhecimento detalhado das: i) características das duas fases fundamentais do jogo (defesa/ataque), dos ii) princípios subjacentes a essas fases (independentemente da função que o jogador ocupa na equipa, e da, iii) preparação técnico táctica do jogador segundo a sua posição em campo.

Estes três pontos podem parecer contraditórios. Contudo, segundo (Castelo, 1994), é na harmonização e no relacionamento entre eles que a base de trabalho deve incidir para que se possa cada vez mais potencializar o carácter universal do treino técnico-táctico do jogador.

Em sintonia com Castelo (1994), conclui-se que os conceitos de universalidade de funções e de especialização funcional não são antagónicos mas complementares.

### **3 – METODOLOGIA**



Tendo por base o objectivo de aferir qual a importância dos dois conceitos (universalidade ou especialização funcional) dentro da modalidade Futsal, enveredamos pela adopção da metodologia devidamente descrita de seguida.

### 3.1. Amostra

O objectivo do presente estudo consiste em aferir a importância dos conceitos de *universalidade* e de *especialização funcional* no Futsal, com base na literatura e na percepção de treinadores de alto rendimento.

Para o efeito, foram entrevistados três treinadores da I Divisão Nacional, a saber:

- Jorge Braz – Treinador Adjunto da Selecção Portuguesa de Futsal;
  - ✓ Treinador das Equipas de Futsal da AAUTAD, AAUM e GDFJA nos campeonatos Nacionais da 1ª e 2ª divisão.
  - ✓ Pertencente à equipa técnica da Selecção Nacional Universitária de Futsal desde 1998 – Campeão Mundial Universitário com as Selecções Masculinas (Koper, Eslovénia) e Femininas (Vitória, Brasil) respectivamente,
  - ✓ Técnico Nacional da Federação Portuguesa de Futebol desde 2007 – 4º classificado no campeonato Europeu de Gondomar,
  - ✓ Formador dos cursos de treinadores de nível I (Basic), nível II (Advanced) e nível III (UEFA Pro) desde 2001.
- Paulo Tavares – Treinador da equipa Sénior Masculina do Grupo Desportivo – Fundação Jorge Antunes.
- Tiago Barros – Treinador Adjunto da equipa Sénior Masculina do Grupo Desportivo – Fundação Jorge Antunes.

### **3.2. Construção das Entrevistas**

Recorreu-se a uma entrevista semi-estruturada, dado que se trata de uma ferramenta que permite recolher dados descritivos a partir da perspectiva do entrevistado, permitindo desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam os aspectos da temática que se pretende esclarecer (Bogdan & Biklen, 1994).

### **3.3. Procedimento**

O nosso trabalho é elaborado com base numa pesquisa bibliográfica e documental para numa primeira etapa definir a revisão bibliográfica. Esta foi efectuada essencialmente Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Numa segunda etapa procedemos ao contacto com os entrevistados com o objectivo de averiguar a sua disponibilidade. De seguida, e após confirmação, estabeleceu-se novo contacto para definir o momento exacto da recolha de dados.

A metodologia aplicada baseou-se em entrevistas semi-estruturadas permitindo aos entrevistados a explicação e explanação das suas ideias em relação a com os tópicos definidos à partida.

Para a recolha de dados recorreu-se à utilização do gravador digital Olympus VN-240PC Digital Voice Recorder, tendo os mesmos sido posteriormente transcritos para documento Word através do programa Microsoft Office Word 2007, com a devida autorização dos entrevistados.

### **3.4. Corpus de Estudo**

O *corpus* do estudo consiste nos documentos utilizados e submetidos aos procedimentos analíticos e que respeitam essencialmente quatro regras: da exaustividade, da representatividade, da homogeneidade e pertinência (Bardin, 2004).

Assim, no nosso estudo, o *corpus* é constituído pelas entrevistas transcritas que foram efectuadas aos três treinadores e que posteriormente foram submetidas a análise.



#### **4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS**



#### 4.1. Sistema de jogo

Aquando da revisão da literatura ficou a ideia que sistema de jogo está associado à distribuição dos jogadores em campo.

De facto, esta parece também ser uma ideia consensual entre os nossos entrevistados. Nas palavras de Tiago Barros (anexo III), sistema de jogo é a estrutura física em que os jogadores estão distribuídos de certa maneira dentro do campo. Já para Jorge Braz (anexo I) este conceito tem muito mais a ver com a estrutura, como organização estrutural propriamente dita do que propriamente com a funcionalidade que lhe queiramos dar.

Segundo Moreno (1981), sistema de jogo baseia-se em posições de partidas e depois a mobilidade define a tática. Ideia que nos parece ser partilhada por Paulo Tavares (anexo II) quando afirma que sistema de jogo é o posicionamento dos jogadores em campo, mas depois conforme a bola os jogadores devem movimentar-se para certos lugares, ocupando outros espaços.

Aquando da selecção do sistema de jogo, como observámos na revisão bibliográfica, é mais frequente esta ser feita com base nos jogadores que se dispõe já que o inverso não é geralmente exequível devido à dificuldade na hora de recrutar novos jogadores para a equipa (Sampedro, 1997).

Assim sendo, Tiago Barros (anexo III) pensa como Visentini (2006) quando nos diz que o ideal seria escolher jogadores que fossem de encontro com as ideias da equipa técnica, os tais jogadores que «são feitos» para o sistema defendido pelo treinador. Contudo, na realidade, não é isso que acontece. Devido à incapacidade para poder ir buscar estes jogadores, o treinador deve procurar o equilíbrio entre as suas ideias e as características dos jogadores (Tiago Barros Anexo III).

Para Paulo Tavares (anexo?): *“Tanto o modelo de jogo como os sistemas de jogo estão bem definidos, só que por vezes temos que alterar algumas coisas devido à qualidade dos jogadores que temos”*.

#### **4.2. Especialização Funcional**

Para Tiago Barros (anexo III) este conceito significa a especialização de um jogador em determinada posição em campo. Jorge Braz (anexo I) vai mais longe quando nos diz: *“Tem a ver com o ser especialista, ser expert em determinadas funções que implicam determinadas tarefas, se tenho uma determinada função, inerentemente haverá tarefas específicas impostas, quem as consegue cumprir com grande qualidade, com excelência, poderemos dizer que será um especialista funcional”*.

Jorge Braz (anexo I) parece então corroborar com Selinger (1986) que afirma que a especialização significa treinar cada jogador para uma ou duas tarefas, em detrimento da formação de todos os jogadores para todas as funções.

Toda a nossa amostra foi unânime em associar o sistema 3:1 a uma maior especialização de funções. Com este sistema a sua organização estrutural torna-se muito mais definida e como há espaços ocupados de uma forma mais contínua por determinados jogadores, é mais fácil observar funções específicas (Jorge Braz anexo I).

Paulo Tavares (anexo II) utiliza uma metáfora que demonstra a divisão de responsabilidades relativas a cada jogador em função das suas características: *“cada um tinha o seu quintal, tanto para atacar como para defender”*.

Contudo, quando falamos em especialização funcional, podemos constatar que nem todas as posições, ou “postos”, requerem a mesma atenção por parte da amostra. Para além da posição de guarda-redes, considerada a mais

específica de todas (Jorge Braz anexo I; Tiago Barros, anexo III), a posição de pivô é a que reúne maior consenso para uma especialização de funções.

Assim Jorge Braz (anexo I) é peremptório a afirmar que a posição que requer mais atenção para uma especialização de funções é a de pivô. No entanto, a mobilidade que o próprio jogo foi ganhando fez com que neste momento não abundem muitos pivôs na modalidade.

Paulo Tavares (anexo II) embora defenda uma abordagem ao jogo em que os jogadores devem passar por todas as posições e assumir as diferentes funções relativas a cada posição, reconhece porém a importância de ter um jogador especializado na função de pivô. No entanto, segundo este treinador, é muito difícil encontrar jogadores com estas características.

Também o fixo é referido por Jorge Braz (anexo I) e Tiago Barros (anexo III) como alvo de especialização funcional. Para Tiago Barros (anexo II) apesar de na sua realidade todos os jogadores passarem por todas as posições, tem em atenção que as posições de fixo e pivô sejam feitas por determinados jogadores.

Paulo Tavares (anexo II) desmarca-se em relação à importância de ter um fixo exclusivamente especializado nessa função. Para ele, existem muitos fixos com características de ala de qualidade em Portugal e a forma dele estar no futsal faz com que goste muito mais destas características neste tipo de jogador.

Como constatamos na revisão bibliográfica, nas idades de aprendizagem, a troca de funções deve ser um princípio sempre presente e no futuro é que virá a especialização. Existem propostas alternativas, considerando que não havendo postos específicos, os jogadores vão passar por todos eles, jogando assim em todas as posições (Sampedro, 1997).

Também os nossos entrevistados vão de encontro com o que este autor nos diz e consideram que numa fase inicial todos devem passar por todas as posições. Jorge Braz (anexo I) é mais exaustivo e refere que numa fase inicial

o mais importante é a compreensão do jogo. *“Aquilo que falta ainda é os miúdos perceberem o jogo, compreenderem o jogo, actuarem no jogo de forma intencional, que nem sempre actuam de forma intencional, actuam de forma técnica com qualidade, respeitando uma ou outra estrutura”*. No entanto, de uma forma natural se o “jogador” revelar seja do ponto de vista morfológico, técnico, tático; se houver alguma qualidade para algumas funções que são muito específicas do jogo, Jorge Braz (anexo I) não vê qual o problema de potencializar isso.

### **4.3. Universalidade**

Os 3 entrevistados concordam que a modalidade é realmente propícia ao desenvolvimento da universalidade.

Jorge Braz (anexo I) aponta a dinâmica que o jogo de futsal atingiu como razão para os jogadores se terem tornado cada vez mais universais. Tiago Barros (anexo III) também concorda quando nos diz que o futsal como desporto colectivo, todos os jogadores passam por todas as funções, mesmo o guarda-redes, cada vez mais e a tendência é essa, evoluir nesse sentido. Paulo Tavares (anexo II) acrescenta que o campo é pequeno e são apenas 4 jogadores. O *“jogador ideal é aquele jogador que tem a noção que entra em campo e que em 5 minutos percorreu 3 ou 3 vezes as 4 posições”*.

Quando inquiridos sobre qual o momento que apontam para o aparecimento desta universalidade de funções, a amostra é unânime em definir a implementação do 4:0 como principal motivo. Paulo Tavares (anexo II) é mais preciso e define Beto Aranha e Zego como principais impulsionadores deste conceito (universalidade).

Com o aparecimento da universalidade as posições (fixo, ala e pivô) passam a indicar somente o local inicial de actuação, porque a sua actividade real ultrapassa em muito o limite das obrigações resultantes dessas denominações,

desaparecendo assim as fronteiras entre as funções dos jogadores dentro da equipa (Castelo, 1994).

Assim, o jogador universal segundo Tiago Barros (anexo III) é aquele que com relativa facilidade e eficácia em qualquer posição que esteja no campo é capaz de adoptar esse comportamento, quer a atacar, quer nas transições, quer a defender. Jorge Braz (anexo I) corrobora com esta ideia quando diz que os jogadores universais “*são os jogadores que conseguem cumprir a maioria das tarefas de jogo*” seja no processo ofensivo ou defensivo “*com qualidade independentemente da função que lhe é atribuída*”.

Quando confrontado com a pergunta se a universalidade é característica do jogador evoluído, a amostra demonstrou que este é um campo sensível, uma vez que, “é evidente que um jogador universal é evoluído se executar essas tarefas com qualidade, mas as várias tarefas” (Jorge Braz anexo I, Tiago Barros anexo III). Contudo, há várias interpretações e obviamente que um jogador como Jorge Braz (anexo I) define do “toca e entra” que dão dinâmica e correm, mas correm para onde? Correm porquê? Estes jogadores na opinião deste treinador têm sempre dificuldade em actuarem nas várias estruturas cumprindo determinados princípios e por isso não podem ser definidos como universais. Já Tiago Barros (anexo III) corrobora com Jorge Braz (anexo I), no entanto acrescenta que por um jogador ser especializado numa função, ser eficaz numa posição, não deixa de ser menos evoluído por isso.

Para Paulo Tavares (anexo II) o jogador evoluído nunca poderá ser um jogador mecanizado. Quer com isto dizer que, o jogador terá que perceber obrigatoriamente porque toma qualquer decisão num determinado momento do jogo.

Ao nível da preparação do jogador, da operacionalização do treino, Paulo Tavares (anexo II) e Tiago Barros (anexo III) dão maior relevo à universalidade de funções, seleccionando exercícios que potenciem a passagem de todos os jogadores por todas as posições. “*Hoje na Fundação [Jorge Antunes] todos os jogadores passam por todas as posições (...) se tiverem numa ala passam*

*para a outra, se tiveram a pivô passam para fixo, se tiveram a fixo passam para pivô” (Tiago Barros anexo?).*

Já para Jorge Braz (anexo I), tem que haver alguma complementaridade ao nível do treino. O mesmo treinador refere: *“É a tal questão, de todos eles passarem por diferentes posições e perceberem o que têm que fazer mas ao mesmo tempo ter consciência que há jogadores mais específicos nesta ou naquela função e potenciar isso também ao nível do treino, parece-me fundamental, importantíssimo”.*

Porém, estamos a falar de 5 jogadores em campo de cada vez. Logo o peso de cada um é muito grande e torna-se muito complicado alguém ser altamente especializado em determinadas tarefas e noutras ser muito fraco, isto no futsal de alto nível já não é possível. Existe alguns casos de algum jogador que atinge quase a excelência numa função ofensiva de pivô, evidentemente que consegue lá estar e ao nível do treino também temos que saber potenciar isso, dar mais competência nas debilidades que tem, mas potenciar fortemente a qualidade específica que ele tem (Jorge Braz anexo I).

Para finalizar, também os treinadores entrevistados concordam com Castelo (1994) quando diz que estas duas realidades não são realidades antagónicas mas sim complementaridades naturais. Porque como Jorge Braz (anexo I) refere, o jogador deve ter conhecimento e saber fazer de acordo com a função que lhe é atribuída, mas também saber assumir outras funções em diferentes momentos do jogo.

## **5 - CONCLUSÕES**



Por nos termos proposto pesquisar e estudar o entendimento dos conceitos de universalidade e de especialização funcional junto de treinadores portugueses, chega o momento de tirar algumas ilações:

- ✓ Os treinadores reconhecem que ao sistema 3:1 se associa uma maior especialização de funções e que o sistema 4:0 está directamente ligado ao aparecimento da universalização de funções;
- ✓ Quando se fala em especialização de funções os treinadores são unânimes em afirmar que para além da posição de guarda-redes a posição de pivô é a que demanda maior especialização de funções;
- ✓ Em relação à formação dos jovens jogadores, numa fase inicial todos deverão passar por todas as posições e só mais tarde é que se deverá partir para a especialização funcional.
- ✓ O jogador universal é considerado um jogador evoluído caso reúna um conjunto de características defendidas pelos nossos treinadores. Assim, para ser definido como evoluído estes tipo de jogador tem que resolver com relativa facilidade e eficácia as tarefas inerentes a cada posição quer na fase ofensiva, quer na fase defensiva, quer nas transições. Contudo, também é sublinhado que um jogador por ser especializado somente em determinadas funções, não deixa de ser menos evoluído por isso;
- ✓ Ao nível da preparação dos jogadores constatamos duas vertentes: uma em que dá preferência à passagem de todos os jogadores por todas as posições, potenciando ao máximo a universalização de funções e outra que embora também dê importância a esta universalização de funções, também se foca em potenciar características específicas de uma função em alguns jogadores;

- ✓ Os conceitos de universalidade de funções e de especialização funcional não são percebidos pelos treinadores como antagónicos, mas como realidades complementares.

## **SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS**



De forma a contribuir para um conhecimento cada vez mais sustentado e aprofundado sobre a modalidade de Futsal, deixamos como sugestões para futuros estudos:

- Realizar o mesmo trabalho utilizando uma amostra significativamente maior;
- Tentar conhecer as diversas realidades e onde o Futsal parece cada vez estar mais implementado, nomeadamente, Futsal espanhol e brasileiro;
- Pesquisar e entender esta temática junto de atletas da modalidade;
- Estudar a cada vez maior universalização da posição específica de guarda-redes



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



Amaral, R. (2004). *A Modelação do jogo em Futsal : análise sequencial do 1x1 no processo ofensivo*. Dissertação de Mestrado apresentada à FADE-UP.

Azevedo, A. (2002). Zego - Um profeta do Futsal. *Futsal Magazine*, 14, 6-13.

Barbero, J. C. (2002). *Desarrollo de un sistema fotogramétrico y su sincronización con los registros de frecuencia cardíaca para el análisis de la competición en los deportes de equipo. Una aplicación práctica para el fútbol sala*. Tesis Doctoral apresentada à Universidad de Granada.

Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3 ed.). Lisboa: Edições 70.

Barros, T. (2007). *Enquadramento Metodológico dos Processos de Treino no Futsal*. Dissertação de Tese de Monografia apresentada à FADE-UP.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Braz, J. (2006). *Organização do Jogo e do Treino de Futsal - Estudo comparativo acerca das concepções de treinadores de equipas de rendimento superior de Portugal, Espanha e Brasil*. Dissertação de apresentada à FADE-UP.

Castelo, J. (1994). *Futebol. Modelo Técnico-Tactico do Jogo*. Lisboa.

Claudino, R. (1993). *Observação em Desporto - Elaboração de um sistema de observação e sua aplicação pedagógica a jogos desportivos colectivos*. Lisboa. Dissertação de Tese de Monografia apresentada à UTL-FMH.

Fernandes, I. (2004). *Processo de Treino no Futsal - Como é perspectivado e Operacionalizado pelos Treinadores de Futsal na Alta Competição Nacional*. Dissertação de Monografia apresentada à FADE-UP.

Fernandes, M. (2003). *O desenvolvimento das Sequencias Ofensivas Finalizadas em Futsal*. Dissertação de Monografia apresentada à FADE-UP.

Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de futebol: estudo da organização ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de Tese de Doutoramento apresentada à FADE-UP.

Garganta, J. (1998). Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Colectivos. In A. G. J. Oliveira (Ed.), *O ensino dos Jogos Desportivos* (pp. 11-25). Porto CEJD/FADE\_UP.

Garganta, J., & Oliveira, J. (1996). Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos. In *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 7-23). CEJD/FADE-UP.

Garganta, J., & Pinto, J. (1989). Futebol Português Importância do Modelo de Jogo no seu desenvolvimento. *Revista Horizonte*, VI(33), 94 - 98.

Gomes, A., & Machado, J. (2001). *Futsal Metodologia e Planeamento na Infância e Adolescência*.

Grehaigne, J.-F. (1992). *L' organization du jeu en football*. Joinville-le-Pont: Actio.

Kacani, L. (1981). Preparación técnico-táctica del futbolista según su posición en el campo. «*TRENER*»(8), 1-7.

Konzag, I. (1991). A formação técnico-táctica nos jogos desportivos colectivos. *Treino Desportivo*, II(19), 27-37.

Megafone. (2006). Futsal2: A cada vez maior influência do Futsal [Versão electrónica]. <http://megafone2.blogspot.com> disponível.

Mendonça, L. (2009). *Defesa à Zona em Futsal*. Dissertação de Tese de Monografia apresentada à FADE-UP.

Moreno, M. (1981). Tática y estrategia - Passado y presente de los sistemas de juego (I parte). In *El entrenador español (futbol)* (pp. 26-31).

Oliveira, L. (1998). *Perfil de actividade do jovem jogador de Futsal/Cinco*. Dissertação de Tese de Mestrado apresentada à FADE-UP.

Pinto, J. M. G. (2002). Prefácio. In J. O. Y. Gasset (Ed.), *O que é o conhecimento?* : Editora Fim de Século.

Pinto, R. (2005). *Conhecimento Declarativo - Estudo comparativo de equipas profissionais e amadoras, considerando os anos de prática, idade, estatuto posicional e sistema de jogo*. Dissertação de Tese de Monografia apresentada à FADE-UP.

Popper, K. (1989). *Em busca de um mundo melhor* (1 ed.). Lisboa: Editorial Fragmentos.

Popper, K. (2003). *Conjecturas e Refutações*: Almedina.

Ramos, C. (1997). *Estudo dos indicadores de selecção para o jogador distribuidor e análise do quadro caracterizador desse jogador no escalão de juvenis*. Dissertação de Tese de Monografia apresentada à FADE-UP.

Rodriguez, J. (2000). *La preparacion Fisica del Fútbol Sala*. Sevilha: Wanceulen Editorial Desportiva, S.L.

Sampedro, J. (1997). *Futebol Sala las acciones del juego, Analisis Metodológico de los Sistemas de Juego*. Madrid: Gymnos Editorial.

Selinger, A. A.-B., Joan. (1986). *Arie Selinger's Power Volleyball*. New York: St. Martin's Press.

Souza, P. R. C. d. (2002). *Validação de teste para avaliar a capacidade de tomada de decisão e o conhecimento declarativo em situações de ataque no Futsal*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais.

Teodorescu, L. (1984). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Travassos, B. (2005). *FUTSAL - Estudo de uma actividade de Desportos Colectivos. Uma sistematização tendo em vista as necessidades do treino e da macro-gestão*. Dissertação de Tese de Mestrado apresentada à FADE-UP.

Valdericeda, F. (1994). *Fútbol Sala. Técnica, Táctica, Entrenamiento, Reglamento*. Madrid: Gymnos.

Visentini, M. (2006). *Entraîneur de football. Les systèmes de jeu : questions-réponses*. Paris: Actio.

Voser, R. (2001). *Futsal, Principios técnicos e tácticos*. Rio de Janeiro: Ulbra.

Voser, R. (2003). *Futsal, Principios técnicos e tácticos*. Rio de Janeiro: Ulbra.



**ANEXOS**



## **Anexo I – Entrevista a Jorge Braz**

(Treinador Adjunto da Selecção Portuguesa de Futsal)

17 de Outubro de 2009, Minho Center (Braga)

**André Martins:** O que entende por sistema de jogo?

**Jorge Braz:** É assim, sistema de jogo eu entendo mais como, como digamos organização estrutural da equipa embora esteja extremamente implícito a funcionalidade e toda a funcionalidade que essa estrutura implica. Mas para mim um sistema de jogo tem muito mais a ver com a estrutura, como organização estrutural propriamente dita do que propriamente com a funcionalidade que lhe queiramos dar.

**A.M.:** Que sistemas de jogo utiliza?

**J.B.:** Nós até costumamos muito não falar em sistemas, até dizemos que não jogamos com sistema nenhum, nós jogamos com determinados princípios, com determinada racionalidade, que depois em determinados momentos podemos optar mais por uma estrutura de uma determinada forma ou de outra, nós costumamos dizer que jogamos em todos mas de acordo com os nossos princípios com a nossa racionalidade que queremos, tanto jogamos em 2:2, 3:1, 4:0, mas preocupa-nos mais a funcionalidade que a própria estrutura.

**A.M.:** Como é feita a selecção dos sistemas de jogo? Com base nos jogadores que tem ou os jogadores devem se adaptar a um sistema já idealizado?

**J.B.:** Ambas. Aí já entram questões estratégicas, depende muito da abordagem ao jogo, do momento do próprio jogo, da evolução estratégico-táctico momentânea que estamos a viver em cada um dos jogos porque sabemos que

eles (jogadores) sabem quais são os nossos princípios, podemos adoptar mais uma estrutura de uma forma ou de outra em função do que acontecer, queremos é manter a nossa identidade, os nossos princípios, portanto, varia um bocadinho em função disso.

**A.M.:** O que entende por especialização funcional?

**J.B.:** Especialização funcional? Tem a ver com o ser especialista, ser *expert* em determinadas funções que implicam determinadas tarefas, se tenho uma determinada função, inerentemente haverá tarefas específicas impostas, quem as consegue cumprir com grande qualidade, com excelência, poderemos dizer que será um especialista funcional. Do meu ponto vista é isso.

**A.M.:** Dentro dos seus sistemas de jogo utilizados, há algum em que se torna mais claro a especialização de funções?

**J.B.:** Sim, sim...Se adoptarmos mais 3:1 ou às vezes 2:2 com dois pivôs a jogar muito próximos da ala, o que muitas vezes também o fazemos, aí é muito mais visível, digamos, porque o jogo torna-se, digamos que a estrutura, a organização estrutural naquele momento torna-se muito mais definida e inerentemente como há espaços ocupados de uma forma mais continua por determinados jogadores, virão funções muito mais específicas e aí sim é mais visível.

**A.M.:** Considera importante haver ainda jogadores no Futsal que sejam especializados em determinadas funções? Se sim quais? Se não porquê?

**J.B.:** Cada vez mais. Acho que sim, acho que é importante. Passou também um bocado por modas, o próprio jogo e a forma como foi evoluindo. Mas o jogo é muito uma luta estratégica, estratégico-táctico, o momento, o que é

necessário. E para determinados momentos, para determinadas configurações, para alternar as dificuldades que queremos impor aos adversários, é importante em determinados espaços, em determinadas tarefas que o jogo exige é importante ter alguém muito bom a fazer essas pequenas coisas, e aí é importante que haja jogadores com grande qualidade a executar determinadas tarefas.

**A.M.:** Há algum “posto” dentro dos seus sistemas que requeira mais atenção para uma especialização de funções?

**J.B.:** Sim. O pivô, não abundam muito ainda por cima, se calhar pela mobilidade que o próprio jogo foi ganhando, mas a função de pivô exige grande especificidade, já para não falar da mais específica de todos que é o guarda-redes, mas até esse se tem universalizado tanto... até é um bom exemplo, porque neste momento o guarda-redes é um dos melhores exemplos, e eu sou bastante crítico em relação a isso. O próprio guarda-redes tem-se universalizado tanto, a função dele de participar no processo ofensivo, está a esquecer qual é a função dele específica, quais são as tarefas específicas dele e hoje vemos quase as pessoas a avaliar a qualidade ou não do guarda-redes pela sua capacidade de outras funções que não tem na a ver com as funções específicas, atenção que a função específica dele é defender. Portanto, aí é um bom exemplo. Agora o pivô sim e muitas vezes a posição de fixo, ou seja, o inverso nessa luta de oposição, haver alguém com grande qualidade que consiga defender também os poucos pivôs de qualidade que por vezes aparecem que têm qualidade nessas posições específicas, haver alguém que também consiga anular, que também tenha características para anular isso. O pivô e o fixo serão os mais, os que acabam por ter funções mais vincadas, mais específicas.

**A.M.:** Relacionando o tema com a formação, acha importante a especialização de funções? Em que altura?

**J.B.:** Acho, acho. Numa fase inicial, a compreensão do jogo o perceber o jogo parece-me que é o mais importante. Aquilo que falta ainda é os miúdos perceberem o jogo, compreenderem o jogo, actuarem no jogo de forma intencional, que nem sempre actuam de forma intencional, actuam de forma técnica com qualidade, respeitando uma ou outra estrutura, portanto, nessas fases iniciais, mas depois naturalmente pelas características dos próprios miúdos, se há um miúdo que revela já, mesmo do ponto de vista morfológico, mesmo do ponto de vista técnico, tático, já há alguma qualidade para algumas funções que são muito específicas dentro do jogo, não vejo qual é o problema de potencializar ainda mais isso, não esquecendo evidentemente que como pivô por muito que queira com as características que o jogo tem hoje nunca tem funções especificamente de pivô, tem que ter outras qualidades também. Mas não vejo qual é o problema de potenciar isso, não descurando a formação deles.

**A.M.:** Há autores que referem que a própria modalidade é propícia ao desenvolvimento da universalidade de funções nos jogadores. Concorda? Que razões aponta para tal?

**J.B.:** Concordo, concordo, porque pela dinâmica que tem o jogo hoje em dia. É extremamente complicado hoje, mesmo...existe alguns casos de jogadores altamente especialistas, nomeadamente pivôs, lembro-me de um Betão, de um Sergão, que jogamos com ele no Azerbaijão, esses jogadores têm alguma dificuldade em manter-se muitos minutos em campo. Praticamente, actuam para aquela função específica, portanto. Porquê? Porque a própria dinâmica do jogo hoje em dia torna muito difícil “eu” ser especialista só numa determinada função. Agora que há momentos que essas funções são extremamente importantes que alguém as execute com qualidade também é verdade, mas o jogo proporciona muito essa universalidade.

**A.M.:** Consegue determinar um marco na evolução do Futsal que coincida com uma maior universalidade de funções? Se sim, qual?

**J.B.:** Ela apareceu cá em Portugal, muitos dizem que o precursor e eu tive o privilégio até de conviver com ele, o Zego, que quando chegou cá, foi ele que ajudou a implementar o 4:0 e alguma dinâmica. Parece-me que já antes, mesmo algumas estruturas 3:1 já estava, implícita alguma dinâmica de jogo. Como hoje, assentar numa estrutura 3:1 mas haver uma grande dinâmica de jogo e parece-me que a maioria das vezes acontece, mas as pessoas quando ouvem dinâmica já estão a associar isso à tal questão do que é a organização estrutural e o que é organização funcional que há aqui alguma confusão entre muita gente. Portanto, houve ali uma fase com o aparecimento de alguns estrangeiros, brasileiros que trouxeram essa mobilidade, essa dinâmica, deixou de haver referência ofensiva. Terá sido aí que houve uma grande preocupação do 4:0 e dar alguma dinâmica.

**A.M.:** Como caracteriza um jogador universal?

**J.B.:** Universal! Para mim universal são os jogadores que conseguem cumprir a maioria das tarefas de jogo com qualidade independentemente da função que lhe é atribuída. Que acaba por ser e eu costumo até dizer, que universais são os que têm mais minutos de jogo. Têm essa capacidade, agora, um ser universal pressupõe executar a maioria das tarefas quer no aspecto ofensivo, quer defensivo mas com qualidade, às vezes associa-se a ideia de um jogador universal, a um jogador que corre, é dinâmico, associa-se estas características “um bocado da moda” que o futsal passou durante uns tempos, “ai é universal”. È universal? Mas executa essas tarefas todas quer a defender, quer a atacar quer numa posição mais recuada, quer numa primeira linha defensiva, quer numa segunda, quer numa terceira, quer numa estrutura 3:1, ele consegue

executar isso tudo com qualidade? Então podemos jogar de um jogador universal. Agora só porque é dinâmico, só porque numa estrutura 4:0 tem grande mobilidade, “ai é universal”. Se calhar não é, se calhar até é especialista para aquela dinâmica, se eu a seguir lhe pedir para jogar de uma outra forma, uma forma mais posicional, não consegue, “ai porque ele não é específico”, não, ele é específico mas é noutras funções. Acho que existe aqui alguma confusão nisto ainda em pensar o jogo desta forma.

**A.M.:** Concorda com alguns autores quando se diz que a universalidade é característica do jogador evoluído?

**J.B.:** Vem um bocado de encontro ao que eu disse anteriormente. É evidente que um jogador universal é evoluído se executar essas tarefas com qualidade, mas as várias tarefas. Agora se eu tenho alguém...costumo brincar que há muitos jogadores do toca e entra, toca e entra, dão dinâmica e correm, mas correm para onde? Correm porquê? Esses jogadores têm sempre alguma dificuldade em actuarem nas várias estruturas que nós exigimos cumprindo determinados princípios, isso não é um jogador universal.

**A.M.:** Acha que estes dois conceitos são antagónicos ou são complementares?

**J.B.:** São complementaridades porque é a tal questão de eu ter conhecimento e saber o que tenho que fazer, independentemente de diferentes funções que me vão atribuindo mas eu tenho perfeita consciência das tarefas inerentes a essas mesmas funções em diferentes momentos, em diferentes estruturas e aí é complementar porque é assim, eu tenho um jogador que está... que é dinâmico que é móvel, que é muito activo durante o jogo, mas se em determinado momento eu digo assim: “eu quero agora um jogo mais posicional, um jogo só vertical num momento próprio mas não saias deste espaço”, e ele então percebe qual é a função táctica dele, sabe as tarefas inerentes a isso porque treinamos, então de certeza que o consegue fazer, ai complementa-se,

porque consegue ser específico em determinada especificidade se nós lhe atribuímos isso, mas consegue...é no fundo conseguir ser específico nas diferentes tarefas inerentes em função do momento, em função dos espaços. Até ai acho que, para mim essa noção de complementaridade acaba por ser um bocado no meu entender esta.

**A.M.:** Ao nível do treino há algum tipo de diferenciação destas duas realidades? Nos exercícios todos os jogadores passam por todas as posições ou há preocupações segundo as características específicas de cada jogador?

**J.B.:** Tem que haver alguma complementaridade também ao nível do treino como é evidente. É a tal questão, de todos eles passarem por diferentes posições e perceberem o que têm que fazer mas ao mesmo tempo ter consciência que há jogadores mais específicos nesta ou naquela função e potenciar isso também ao nível do treino, parece-me fundamental, importantíssimo. Quando nós também falamos e eu ao bocado estava me a lembrar “ai ao nível do jogo eles fazem mais isto”, fazem isto ou aquilo muito em função da nossa realidade no treino para que nós os preparamos, portanto se eu sei que é extremamente importante utilizar um jogador em determinadas funções de uma forma mais específica em determinados momentos do jogo, eu também tenho que potenciar isso, parece-me fundamental. Agora ele próprio tem que reconhecer que dada a dinâmica, que estamos a falar só de 5 em campo de cada vez, logo o peso de cada um é muito grande é muito complicado alguém ser altamente especializado em determinadas tarefas e noutras ser muito fraco, isto acho que no futsal de alto nível isto já não é possível. Existe alguns casos de alguém que atinge quase a excelência numa função ofensiva de pivô, evidentemente que consegue lá estar, mas há momentos e se calhar pode haver jogos que esteja lá muito competente...e ao nível do treino também temos que saber potenciar isso. Dar mais competência nas debilidades que tem, mas potenciar fortemente a qualidade específica que ele tem.

No fundo é isso, acho que cada vez mais...é giro porque o jogo tem configurações extremamente imprevisíveis, por muito que nós tentemos preparar o jogo, para mim é o que me atrai mais esta luta estratégico e tático que existe mesmo anterior ao jogo e depois durante o jogo e é onde eu acho que os grandes treinadores marcam a diferença. E eu tenho esse privilégio de ter trabalhado com alguns, é a capacidade que eles tem de forçar mais ou utilizar mais jogadores especialistas nesta e naquela função, naquele momento porque acham que aquilo é que vai ser determinante para o sucesso, o jogo a assumir contornos mais universais...esta luta e há momentos no jogo que os especialistas fazem uma falta dos diabos e se fazem também temos que potenciar na formação os especialistas mas não esquecendo que há aspectos fundamentais universais que também devemos...no fundo é isso.

## **Anexo II – Entrevista a Paulo Tavares**

(Treinador principal do G. D. Fundação Jorge Antunes)

23 de Outubro de 2009, Café Recanto (Sr<sup>a</sup> da Hora)

**André Martins:** O que entende por sistema de jogo?

**Paulo Tavares:** Sistema de jogo passa por ter um posicionamento dos jogadores, isto é o meu conceito, e mediante a bola porque é aquilo que geralmente...conforme eu tenho de desenhar o meu sistema de jogo e conforme a bola os jogadores têm que se movimentar para certos lugares principalmente a ocupação de espaços que é como nós funcionamos. E é isto.

**A.M.:** Que sistemas de jogo utiliza?

**P.T.:** Como jogador 3:1, na fase final da minha carreira 4:0. Como treinador preferencialmente 4:0.

**A.M.:** Como é feita a selecção dos sistemas de jogo? Com base nos jogadores que tem ou os jogadores devem se adaptar a um sistema já idealizado?

**P.T.:** Um pouco das duas. Tanto o modelo de jogo como os sistemas de jogo estão bem definidos, só que por vezes temos que alterar algumas coisas devido à qualidade dos jogadores que temos. Se a qualidade dos jogadores é elevada, pode-se jogar em 4:0 quase em linha que é aquilo que eu mais gosto, mas para isso necessito de jogadores com grande qualidade, se não os tenho, já os tenho que proteger um bocado e já tenho que por um 4:0 falso como eu costumo dizer, e proteger um pouco os jogadores. Começaria se calhar com um jogador a jogar da primeira linha, da segunda, criar um apoio frontal de forma a que o jogador possa recepcionar a bola no meio que é mais complicado, poder ter várias opções de passe sem ter que ser ele a virar e a

conseguir recepcionar a bola e rodar. Por isso tem que ser um pouco das duas quer queiramos quer não.

**A.M.:** O que entende por especialização funcional?

**P.T.:** É assim, nós, eu, como treinador e falo nós porque geralmente é a equipa técnica, nós não temos, não damos relevo a esse tipo de trabalho. Fazemos um trabalho específico, com jogadores mas muito mais em técnica individual e tática individual do que propriamente trabalho específico sobre um pivô, ai dar mais ênfase muito mais à tática individual onde um jogador tem que saber dentro do modelo de jogo que está definido como deve actuar, a técnica individual que é fundamental, sem ela também não se consegue jogar do que propriamente o resto.

**A.M.:** Dentro dos seus sistemas de jogo utilizados, há algum em que se torna mais claro a especialização de funções?

**P.T.:** Eu não utilizo 3:1. Dai que eu não sou muito a favor disso. O que muita das vezes funcionamos e eu como treinador e nas equipas que eu estou é passar de um 4:0 para um 3:1 falso onde não preciso de um pivô, qualquer jogador que faz o 4:0 também faz essa posição porque nunca esta numa posição fixa, todos eles passam pelo 3:1, um 3:1 falso, o pivô falso já o nome o diz, depois é só por o pivô se anda do lado da bola ou contrário à bola, por isso não tenho essa situação, esse sistema de jogo, de ter que obrigatoriamente que trabalhar um jogador específico naquela posição, dai eu dizer que não fazemos esse tipo de trabalho, nem damos nenhum foco.

**A.M.:** Considera importante haver ainda jogadores no Futsal que sejam especializados em determinadas funções? Se sim quais? Se não porquê?

**P.T.:** Isso aí, temos que entrar por outros campos. Eu tenho que me cingir à minha realidade. A minha realidade dá-me...uma direcção que me diz: "com 10 escudos vais comprar sardinha e eu quero arroz de marisco no fim", isto é aquilo que quase todas as direcções pedem e a formação não é excepção. O que quer dizer que eu não tenho esse tipo de jogadores, eu nunca vou ter essa veleidade de dizer assim: "eu quero um fixo aqui, quero isto e aquilo", não! Eu tenho que obrigatoriamente dentro das minhas camadas jovens, dentro dos clubes mais pequenos do Porto encontrar jovens, porque o que se paga é tão pouco que só jovens é que aceitam isso e arranjar jovens para colmatar mais ou menos as posições que eu quero. E mais, dentro dos seniores e de uma 1ª divisão e dentro de uma equipa que habituou as pessoas a uma vitória muito alta, fazer isto este tipo de trabalho durante a época é extremamente difícil. Por isso é que eu digo, o pivô, poder ter um pivô de raiz é óptimo, mas não é para o futsal português, ou é para o Benfica ou para o Sporting, o resto, ninguém se dá ao direito de ter, primeiro porque eles não existem, os que existem estão longe de nós, estão no Brasil a maioria deles e são caríssimos. Para dar um exemplo, o César Paulo é um jogador fantástico, mas é um jogador que custa 15 mil euros. Isso, eu não tenho para o meu plantel todo da Fundação. Mas considero que é extremamente importante. Obvio que sim. Eu se estiver como seleccionador nacional, se eu estiver num clube como o Benfica, aí sim, se me derem um orçamento, acho que sim, aí já temos que trabalhar com bases diferentes daquelas...a grande maioria do futsal português, é isto que as pessoas têm que saber, não têm essas condições, nunca. Há dois clubes que tem essas condições, os outros não têm. Eu cinjo-me muito aquilo que eu tenho e que tive até hoje. Olhando o panorama diferente é obvio que se eu puder ter dentro do plantel um jogador com características só de pivô e um, fixo, já não dou tanto valor porque existem muito alas-fixos, muito bons mesmo. Mas o pivô principalmente, assim como hoje não se falha, mas têm que se começar a pensar no guarda-redes, em que obrigatoriamente tem que saber começar a jogar com os pés e isso também infelizmente muitas vezes tem que se ir buscar ao Brasil, é muito mais importante um guarda-redes que jogue bem com os pés do que um fixo, especializado só nessa função. Porque conheces o

Gonçalo Alves do Benfica, não é um fixo, e há vários, por isso é obvio que...sim senhor especialização mas é num ou dois clubes em Portugal e Espanha que é o melhor campeonato do mundo já se vê que duas ou três equipas é que se dar ao luxo disso. O Joel saiu do Azkar, veio de Espanha para cá porque Benfica paga já mais que o Azkar, e por isso veio para cá. Isto dá-me ideia do que o Futsal, devido à crise que se está a passar e a maioria das equipas em quase todos os campeonatos, os clubes são clubes-empresas, são empresas que sustentam a equipa, daí que o Futsal tem caído conforme caiu e as pessoas ter que se adaptarem e eu já estou adaptado à muito tempo, nunca tive a felicidade de ter...de dizer assim:”Está aqui um orçamento, e ai poder escolher.” Agora percebo a pergunta e retiro o fixo na minha opinião, gosto muito mais de alas-fixos, existem muitos mesmo cá em Portugal e ponha aí o guarda-redes começa a ser muito importante e decisivo. Jogar bem com os pés como é obvio.

**A.M.:** Há algum “posto” dentro dos seus sistemas que requeira mais atenção para uma especialização de funções?

**P.T.:** Para quem acompanhou um bocado o trabalho que eu fiz, determinante é perceber como a Fundação joga, e ter a percepção que às vezes vamos jogar um jogador ao Benfica e demora 3 meses a encaixar no modelo da Fundação. O que é que eu quero dizer com isto? A Fundação trabalha de uma forma, em que os 4 jogadores que estão dentro do campo funcionam como um todo ou então aquilo não dá. Daí o inicio deste ano da Fundação este ano, entrou muita gente nova, nova em idade e nova no clube e em que os inícios são terríveis, porque há sempre um que se esquece de fazer isto, há outro que se esquece de fazer aquilo. Por isso, eu continuo a dizer nas equipas que eu treinei, eu não dou tanto foco a um jogador, seja ele da função que for, mas muito mais aquilo que está definido, muito mais em conseguir pegar nos jogadores que tenho e pô-los no meu sistema de jogo, às vezes alterando um pouco, porque tem que ser, mas dou muito mais enfoque aquilo que os quatro têm que pensar

obrigatoriamente, da mesma forma e o trabalho é feito com um grupo de 4, 8, 10, 15 jogadores. Não dá para andarmos aqui sinceramente com mais um jogador do que outro. Os jogadores estão de tal maneira bem delineados no modelo de jogo e no sistema de jogo que toda a gente tem que obrigatoriamente ver porque é que ali está e tem que percorrer os caminhos que estão bem definidos. Por isso é que eu não utilizo muito o 3:1 fixo, não utilizo, já tive pivô e veio do Freixieiro onde jogava com 3:1 fixo, chegou à Fundação teve algumas dificuldades inicialmente e depois viu-se, que é o Mide, um Mide muito diferente do que estava no Freixieiro, era um jogador estático e que quem for à Fundação via-o a jogar na ala, a jogar a fixo, via-o a jogar a pivô. Por isso, continuo a fugir um bocado a isso, mas eu não dou muito importância a isso, muito mais importância a que todos percebiam como é que se ataca, como é que se defende, do que propriamente especializar um jogador numa posição.

**A.M.:** Relacionando o tema com a formação, acha importante a especialização de funções? Em que altura?

**P.T.:** Eu acho que é importante eles passarem por todas as posições. Não digo que na formação não se consiga logo seleccionar se calhar se existem ali jogadores que principalmente na posição de pivô, continuo a dizer que o fixo não acho que seja assim tão grave, olhamos ao nosso campeonato e vê-se muitos fixos, alas-fixos sem grandes problemas, mas na posição de pivô, se calhar deveríamos nas camadas mais jovens fazer logo a selecção se existem ali alguns jogadores que podem fazer essa função. Agora, o pivô e fixo têm que ter características muito próprias, um Betão, nós vemos o César Paulo no Benfica, é um pivô, mas é um pivô que na ala é perigosíssimo no 1 para 1, sou muito mais a favor desse pivô. Se é um pivô fixo, que lá está, obrigatoriamente as características físicas tem que lá estar. Porque o caso do Betão que ganha muito quando a bola entra no pé, consegue segurar lá a bola, rodar, bater, enfim. Mas eu sou muito mais apologista de um pivô que a selecção nacional utiliza que se chama Leitão, um pivô que se chama Joel, que não é um pivô de lá estar mas que é um pivô que tanto lá está como cai na ala, muito forte no um

para um nas alas, bate bem com o pé direito, pé esquerdo, sou muito mais apologista desse jogador porque ele entra em qualquer sistema de jogo sem problema nenhum do que propriamente aquele pivô fixo que lá está, porque quem vê o final do campeonato do mundo, e toda a gente conhece o Betão, o Brasil contra Espanha, o jogo esteve sempre, aliás acabou empatado, foi decidido nas grandes penalidades e sempre que o Brasil utilizou e muito pouco o Betão, numa final do Mundial, utilizou salvo erro em 50 minutos de jogo, utilizou na ordem dos 4, 5 minutos, nunca consegui criar perigo, cada vez mais as defesas estão de tal maneira bem delineadas, que mesmo tendo lá um pivô as coisas não são tão simples assim.

**A.M.:** Há autores que referem que a própria modalidade é propícia ao desenvolvimento da universalidade de funções nos jogadores. Concorda? Que razões aponta para tal?

**P.T.:** Porque é um jogo de muita estratégia, é um jogo onde toda a gente tem que obrigatoriamente que ter cada vez mais, falando ao mais alto nível, tem que obrigatoriamente saber...ter técnica ao nível do pé direito e pé esquerdo, saber jogar com a cabeça levantada, saber decidir bem, quem conhece futsal sabe que tanto estou na ala direita como na esquerda, é impossível por extremos direito no futsal, isto não é futebol, daí eu concordo plenamente e tudo o que eu venho apontando até aqui leva para esse caminho, de cada vez mais o jogador ideal é aquele jogador que tem a noção que entra em campo e que em 5 minutos percorreu 3 ou 3 vezes as 4 posições. Esse é o caminho, não há volta a dar e cada vez mais e eu sou a favor disso, o treino, acima de tudo o treino chega a um ponto que cada vez mais é o jogador saber decidir bem no local onde está. O pivô ao ir para a posição de fixo à priori decidi muito pior do que um fixo, mas vai lá estar, há situações que o jogo obriga a isso, se ele não quer ir, há quem o leve para lá. Porque, o campo com 4 jogadores, um campo tão pequeno, a equipa do lado de lá também sabe onde é que há-de seleccionar um jogador para fazer o 1 para 1, por isso, trabalha se isso em

termos de ataque. Obrigatoriamente os jogadores têm que cada vez mais passar por essa situação, o jogo leva... o jogo ao mais alto nível se olharmos lá para fora, o jogo ao mais alto nível leva para aí, temos que ter algum cuidado no futuro, principalmente no corpo, nos aspectos principalmente físicos. Porque, não termos um jogador fisicamente forte e por vezes marcar um pivô que aparece como o Betão é mau, já senti isso na pele quando a Fundação foi ao torneio internacional e jogou contra Lobelle o mesmo jogador mais alto tinha 1,60 m e o Betão tem 1,87 e pesa 92 quilos. Daí chegamos a um ponto que perdemos 4-3, já não me recordo, foi aqui no torneio internacional do Porto e perdemos porque não havia outra forma, a bola entrava no pé do pivô, ele rodava e entravam para bater, foi uma questão de tempo e ele resolveu o jogo. Por isso, há que ter sempre esse pormenor do aspecto físico porque a maioria do jogador português é baixo, mas ter em atenção a isso, porque muitas vezes por muito bom que o jogador seja, no corpo a corpo é como no basquete, se eu for jogar basquete contra os americanos, é impossível fazer um bloqueio a alguém e acho que acrescentaria aí é por vezes ter em atenção esses pormenores. No resto concordo plenamente.

**A.M.:** Consegue determinar um marco na evolução do Futsal que coincida com uma maior universalidade de funções? Se sim, qual?

**P.T.:** Sim, já vai à uns anos. É obvio que mais numas equipas e depois isto foi se pegando como uma doença. Eu quando comecei as equipas jogavam em 2:2 ou 3:1 não havia mais que isso. E joguei muitos anos em 3:1, era pivô de raiz, pivô pivô. À medida que isto foi avançando, ainda era futebol salão na altura, à medida que isto foi avançando, eu penso que foi 94 ou 95 em que o Miramar aposta num treinador brasileiro chamado Beto, Beto Aranha já esteve inclusive ligado ao Benfica, aposta num treinador que chega cá e muda tudo o conceito, não gostava de 3:1 achava que devia jogar em 4:0 que era aquilo que se jogava em Espanha, colocado por um senhor chamado Zego também esteve cá, no ano a seguir chega cá. Que é no fundo quem inventa o 4:0, é ele.

E a partir daqui surge a universalidade, não tenho dúvidas nenhuma. Porque uma coisa era ter um ala direita e um ala esquerdo, um fixo e um pivô, era do meu tempo. Cada um tinha o seu quintal como dizia, às vezes falo assim com os meus jogadores, cada um tinha o seu quintal, tanto para atacar como para defender, para uma situação, eu recorro-me disso porque alguns colegas meus entraram em pânico e eu gostei porque gosto de desafios, coisas novas e na altura gostei e era pivô. Mas gostei, porque achei aquilo fantástico e quer dizer, vamos embora porque isto é que é o caminho, não há volta a dar. E penso que foi a pedrada no charco, foi aí, Beto Aranha e a seguir entra o Zego que segue essa situação e depois acho eu, treinadores que vieram de jogadores, o meu caso, o Raul o Luís Almeida que teve na fundação o caso do Jorge Ferreira, e mais, não me estou a recordar agora. Há mais, inclusive que andaram nas camadas jovens e muita gente que passou pelo Miramar ficou com aquela escola do 4:0, gostou, deu muitos títulos, eu fui campeão 6 anos consecutivos, por isso a priori as coisas funcionaram bem. A partir daí é lógico, o que é que aconteceu? Todas essas pessoas que saíram dali do Miramar, algumas que andavam ali à volta começaram a divulgar isto para onde foram e eu lembro-me que arranquei como treinador das camadas jovens do Miramar e eu tinha os juniores debaixo da minha alçada, estava o Zego com o resto do pessoal e os treinos, quem for ver um treino do Zego ficava doido, como aquilo era possível, treinos com os jogadores os 4 em linha a jogar em 15 metros obrigatoriamente, coisas inacreditáveis e acho que é a partir daí que tornou-se moda, começou-se a falar em 4:0, as pessoas de outros lados, Lisboa, por aí fora gostaram do que viram, gostaram daquilo que o Miramar apresentava e virou moda. E a partir daí foi o 4:0, 4:0 e começa-se de à 3, 4 anos para cá a ver uma coisa engraçada, que é as pessoas a queixar-se do 4:0, já têm saudades do 3:1 e que já não há pivôs. Mas muito sinceramente eu acho que este é o caminho da modalidade e vão ser poucas as equipas que vão se dar ao luxo de poder ter um pivô de características, de dizer assim: “preciso de um gajo que vá para ali jogar nos últimos 10 metros e que segure a bola porque eles não existem vão ter características muito próprias esses jogadores, porque continuo a dizer a parte física de um pivô vai contar muito se não não vai fazer

grande diferença nisso. E vai ser muito mais um jogador universal que é também aquilo que eu defendo,. Em que o jogador tem que obrigatoriamente...quem for ver um jogo de futsal, por mais que uma equipa jogue em 3:1, é muito difícil, nós fomos ao Benfica há pouco tempo, o Benfica estava com 5 faltas e eu estava a por, eu, os meus jogadores, por isso a nossa equipa trabalhava isso de maneira a quem caia na ala a defender com o nosso jogador mais criativo, era o Cesar Paulo, agora levavam-no para lá assim como não estava era o Joel que ia para lá, por isso tudo isso, cada vez mais no futsal, para mim futsal é estratégia, um jogo fantástico de estratégia e cada vez mais estas coisas vão acontecer e daí eu dizer que a universalidade dos jogador vai, não há hipótese, futsal é isso mesmo.

**A.M.:** Como caracteriza um jogador universal?

**P.T.:** Tecnicamente tem que ser um jogador evoluído, obrigatoriamente. Pé direito e pé esquerdo, faz-me muita confusão tanto jogador na primeira divisão que só sabe jogar com um pé, mas isso é formação, já devia vir lá de baixo, tecnicamente muito evoluído e depois tem que ter na minha opinião duas coisas: uma é capacidade de perceber aquilo que está desenhado como modelo d jogo como sistema de jogo ofensivo e defensivo, e a outra a capacidade de decisão. Isso para mim é o top. Alguns, existem alguns e muito sinceramente com o trabalho que se faz na Fundação, e dai a Fundação ta a enviar muita gente nova para clubes e para a selecção, porque na B já chegou a Fundação a ter 4 jogadores lá, depois já temos o Divanei no Sporting, o Coco no Belenenses, o Marinho no Benfica, enfim e outros irão, há mais um ou dois apalavrados para o Benfica, o trabalho ser for, todo o trabalhado semanal se for virado a isso, em que os jogadores têm que perceber aquilo que está desenhado, porque é que jogam daquela forma, porque é que contra uma defesa zona movimentam-se de uma maneira e contra uma defesa individual movimentam-se de outra. Conseguindo fazer isso e depois conseguindo ter o fundamental no futsal e em tudo, mas no futsal ainda mais, que é conseguir

decidir bem, quando é preciso decidir, decidir bem, se deve chutar ou não deve chutar, se deve meter no 2º poste ou se não deve meter no 2º poste, se devo fazer defesa de temporização ou se não devo, tudo isso é trabalhado durante a semana ou deve ser trabalhado durante a semana, na Fundação garanto-lhe que era, e esse jogador tem que obrigatoriamente que conseguir absorver durante a semana, trabalha-lo, percebe-lo, porque se não perceber não adianta nada, se for só por mecanismo não vai lá, perceber para depois no sábado nós estarmos sentados no banco e conseguirmos ver que há jogadores que com relativa facilidade em situação de jogo colocam aquilo que trabalharam durante a semana em prática e há outros jogadores que vão continuar a trabalhar durante 10 anos e que por mais que se fale com os jogadores eles nunca vão fazer aquilo que trabalham durante a semana.

**A.M.:** Concorda com alguns autores quando se diz que a universalidade é característica do jogador evoluído?

**P.T.:** Por tudo aquilo que eu acabei de dizer, entrar dentro de uma equipa organizada, por exemplo como a Fundação era, eu reconheço que, eu não aceitei ou não aceito trabalhar num clube a não ser da forma que acho que as coisas devem ser feitas, bem pensadas e com lógica e depois os jogadores participam nisto. Quando se apresenta o modelo de jogo, o sistema de jogo, quando se apresenta um exercício, tudo o que se apresenta aos jogadores, eles tem direito à opinião e tem que obrigatoriamente que falar. Ou seja, tem que perceber aquilo que está encima da mesa e aquilo que realmente têm que fazer e isto é o essencial. Se nos fizermos os exercícios de maneira a que os jogadores só se mecanizem, não leva a lado nenhum. O jogador tem que perceber obrigatoriamente porque é que está a fazer aquilo, porque é que tu não atacaste a bola e esperas-te? Porque é que fechas-te uma linha de passe e não marcaste o homem, tudo isto o jogador tem que obrigatoriamente que saber e com relativa facilidade o treinador apercebe-se que o jogador já entende isso, ou se diz ámen, diz que sim que percebe e que continua a

cometer os mesmo erros sempre no sábado. Esses jogadores, porque já me passaram alguns pelas mãos, felizmente, vêm-se a olho nu, é uma coisa...aqueles que vão para o treino e têm vontade de aprender e que realmente tentam perceber porque é que ele faz isso, porque é que todas as equipas fecham as transições de uma forma e a Fundação de outra. É a única equipa em Portugal que fecha as transições, fechando as vantagens, ninguém faz isto. Se o jogador faz isso só porque o treinador manda, nunca vai ser um jogador universal, tem que perceber o porque e dizer assim: “tem toda a lógica e eu fazendo isto vou ganhar isto, isto e isto”. Esse é o meu método de trabalho, é a forma de se trabalhar na Fundação e vai ser sempre a minha forma de trabalhar. E se trabalharmos assim, o jogador tem que chegar ao Sábado e obrigatoriamente tem que responder dessa forma, se conseguir responder dessa forma, a priori começamos a estar muito perto de um jogador que é o tal universal. E depois as pessoas colherem os louros disto, perceberem que muitas das vezes estão num plantel não tem um equilíbrio de um Sporting ou dum Freixieiro e mesmo assim conseguem ganhar ao Sporting e bater-se sempre nos primeiros lugares. O ano passado acabamos a 1ª fase com o mesmo número de pontos do Benfica, ainda por cima podíamos ter inclusive ficar em primeiro, não ficámos por uma questão de fugir a adversários nos Playoffs. Os jogadores percebem, e depois dizem assim: “realmente colhe-se com isto”, a Fundação à 4 anos que é a melhor defesa, isto é trabalho deles e eles começam a perceber que fazendo aquilo, trabalhando os 4 em conjunto, os 5 aliás, trabalhando os 5 em conjunto, pensando os 5, eu olhando para o meu colega e ele com um movimento eu sei para onde devo correr ou não devo correr, devo acompanhar ou não devo acompanhar, quando se consegue passar este trabalho para os jogadores, o jogador tem vontade de treinar com muita cabeça, porque isto treinar com muita cabeça, não é correria e depois dizer assim: “ eu decidi bem quase todos os lances que se me puseram pela frente, sejam ofensivos, sejam defensivos. Esta é a forma de trabalhar da Fundação, a minha forma de trabalhar e é a forma que leva ao jogador universal, se ele também ajudar como é óbvio.

**A.M.:** Acha que estes dois conceitos são antagónicos ou são complementares?

**P.T.:** Acho que se complementam as duas. Com aqueles factores que eu também já falei. Olhámos à realidade do futsal português, nós nunca vamos ter, ou poucos vão ser os treinadores que vão ter a felicidade de poder seleccionar jogadores para se trabalhar especificamente. Se pode, então é óbvio que é um complemento e é um trunfo enorme para qualquer treinador. Nós na primeira jornada fomos ao Benfica, estamos por cima do jogo, conseguimos encostar o Benfica às cordas e o treinador do Benfica lá conseguiu chamar o César Paulo a 20 metros da baliza, em que o guarda-redes manda uma pedra para lá e que ele segura a bola e acabou, obriga os meus jogadores a fazer 30 metros. Isto é sem dúvida dizer assim, mas o Benfica tem capacidade para ter um jogador assim, o Sporting também tem, não há mais nenhuma equipa em Portugal que consiga isso. As duas complementam-se sem dúvida nenhuma, mas olhando sempre para estes dois factores.

**A.M.:** Ao nível do treino há algum tipo de diferenciação destas duas realidades? Nos exercícios todos os jogadores passam por todas as posições ou há preocupações segundo as características específicas de cada jogador.

**P.T.:** Há algumas alterações que nós temos que fazer. O Esquerda é um jogador da Fundação que tem 1,80m. E é um ala-fixo. E o no jogo do Benfica ele era obrigado, sempre que o César Paulo lá estava, eu tinha que o ter lá, porque era o único que tinha capacidade e mesmo assim com alguma dificuldade, fisicamente consegui segurar um pouco o César Paulo, por isso há algumas coisas que nós temos que obrigatoriamente corrigir. No resto não. Porque todos os jogadores são trabalhados em todas as posições. Quando se constrói o sistema de jogo, e se constrói os exercícios, desde a finalização, tudo o que se possa construir à volta de uma semana de trabalho, pelo menos

nós temos isso assim, tudo tem que ter a sua lógica, e tudo tem que funcionar em prol daquilo que vai ser o jogo e aquilo que temos definido como nosso jogo também, tanto a atacar como a defender. Por isso todos os jogadores fazem todas as posições, não há volta a dar. Na posição em que são apanhados no jogo, o jogo é aleatório, não há volta a dar, “ai ele ai jogar na ala esquerda?”, não vai nada! Ele não leva 20 segundos e está fixo, não leva mais 20 segundos e está a pivô. Por isso não adianta esconder isto, porque não conseguimos, o jogo de futsal é isto, futsal é bola cá, bola lá, ataque e contra-ataque, está tudo dito e a mobilidade é tal que ou os jogadores devem obrigatoriamente que trabalhar todas as posições, tiro aqui a de pivô porque tudo o resto continuo a dizer que não há problema nenhum saber jogar de costas para a baliza se for numa ala, se for no meio campo adversário, por isso depende onde estamos a receber a bola de costas. Tirando o pivô, aquele pivô específico mesmo, o resto tem que saber jogar em todas as posições, inclusive se receber uma bola de costas numa ala ou no meio sem ter essa função de pivô, isso é trabalho durante a semana que tem que se fazer e muito sinceramente acho que muita gente berra por causa da falta de pivô e eu acho que as pessoas deviam olhar mais para dentro e trabalhar mais, porque consegue-se combater isso, em Portugal e não só, não ter o tal pivô referencia mas ter outros tipos de pivôs a fazer esse trabalho onde em certas posições no campo consegue-se fazer o mesmo tipo de trabalho, passar de um sistema de 4:0 para 3:1 sem grande dificuldade.



### **Anexo III – Entrevista a Tiago Barros**

(Treinador Adjunto do G. D. Fundação Jorge Antunes)

16 de Outubro de 2009, Café da Mira (Sr.<sup>a</sup> da Hora)

**André Martins:** O que entende por sistema de jogo?

**Tiago Barros:** Bom, sistema de jogo, basicamente é a operacionalização do modelo de jogo. E operacionalização, entendo como a estrutura montada para determinado jogo ou a estrutura física em que os jogadores estão distribuídos de certa maneira dentro do campo. Podemos ter vários sistemas de jogo consoante as diferentes equipas e conforme o conceito, a filosofia e aquilo que o treinador entender que é melhor nomeadamente para aquele jogo específico.

**A.M.:** Que sistemas de jogo utiliza?

**T.B.:** Na fundação, nós utilizamos basicamente todos os sistemas de jogo. Todos quer dizer, todos os mais conhecidos. Utilizamos o 3:1, pouco, muito pouco porque não temos neste momento, e vou se calhar tocar numa das perguntas que me vais fazer mais à frente, porque não temos nenhum jogador com características de pivô, isto é, nenhum jogador que naquela função seja específico, seja eficaz, temos alguns que sabem os princípios, que sabem os posicionamentos, mas não foram talhados, não foram...não evoluíram naquela posição. Utilizamos o 2:2 e o 4:0, embora a tendência seja para cada vez mais e que existe jogadores, também estão um bocado, trabalham um bocado em função disso e como têm acompanhado o Paulo Tavares, já estão habituados a isso, já estão rotinados nisso, cada vez mais a tendência é para utilizar o 4:0.

**A.M.:** Como é feita a selecção dos sistemas de jogo? Com base nos jogadores que tem ou os jogadores devem se adaptar a um sistema já idealizado?

**T.B.:** O ideal, o ideal seria nós montarmos a equipa com as ideias do treinador e depois irmos escolher os jogadores que fossem...em função dessas ideias. Mas isso é o ideal, isso é feito nas grandes equipas ou nem aí, não sei, mas a realidade que nós temos não é essa. A realidade é que nós chegamos a uma equipa e somos confrontados com determinados jogadores que têm determinadas características e em função disso vamos tentar tirar melhor partido das capacidades dos jogadores. E parece-nos a nós que os sistemas que utilizamos sejam o melhor dentro das ideias, arranjar um equilíbrio entre as ideias do treinador e as características dos jogadores.

**A.M.:** O que entende por especialização funcional?

**T.B.:** Bom, especialização funcional, é um conceito que para mim é novo, mas pensando um bocadinho, talvez seja uma especialização de determinado jogador em determinada posição em campo. Parece-me que seja uma especificidade de posição em determinada altura do jogo ou em determinada posição.

**A.M.:** Dentro dos seus sistemas de jogo utilizados, há algum em que se torna mais claro a especialização de funções?

**T.B.:** Existe, existe dos que utilizamos actualmente, existe, o 3:1 mais rotativo do que aquele que gostaríamos de ter, o ano passado a Fundação utilizava muito o pivô porque tinha o Mide, que era um jogador que tinha determinadas características que funcionavam bastante bem naquela posição, este ano não temos, temos o Esteves que é um jogador totalmente diferente, consegue ainda assim ter algumas características, portanto, dentro do 3:1 tentamos sempre que possível colocar o Esteves a pivô. E temos outra posição que é o

fixo, que de preferência, não quer dizer que seja obrigatório, seja feito pelo Esquerda sempre que estiver em campo.

**A.M.:** Considera importante haver ainda jogadores no Futsal que sejam especializados em determinadas funções? Se sim quais? Se não porquê?

**T.B.:** Eu acho que, sempre e em tudo é importante haver um equilíbrio. E se é importante haver jogadores especializados, aliás jogadores universais que os torne como jogadores inteligentes, eu acho que os jogadores específicos de determinada função, ou determinada posição não são menos inteligentes por isso. São mais específicos, são mais talhados para aquela posição e são mais eficazes que outros jogadores naquela posição. Eu acho que há que haver um equilíbrio em termos de, principalmente em termos de formação, e quando eu falo de formação, falo de um aspecto que para mim é fundamental, que é as pessoas terem a noção que nem tanto ao mar nem tanto à terra, isto quer dizer que nem deveremos, acho eu, na minha opinião, nem devemos formar tantos jogadores para serem universais nem demasiados específicos, principalmente quanto mais cedo mais universais eles devem ser com o intuito de descobrir qual a melhor posição para eles, o que é que gostam mais, até pode ser o guarda-redes, até pode ser um jogador que joga à frente e que descubra que não gosta de jogar como pivô, como ala, que gosta de jogar na baliza, portanto, quanto mais novos os jogadores são mais universais devem ser para passar pelas diferentes posições e a partir daí começar de facto a especializar-se e há que haver um bocadinho a especificidade, um trabalho em especificidade que é diferente duma especialização, o que é bastante diferente e eu acho que a especialização deve começar haver.

**A.M.:** Há algum “posto” dentro dos seus sistemas que requeira mais atenção para uma especialização de funções?

**T.B.:** Para além do guarda-redes, eu acho que todos os “postos” são importantes e são específicos, agora, neste momento devido ao trabalho que temos, devido, enfim, a todo o contexto da equipa, não nos é possível, fazer um trabalho especializado nas diferentes funções, todos os jogadores passam por todas as posições, tentamos sim de preferência, principalmente em termos de jogo sejam feitas aquelas determinadas posições como eu disse, fixo e pivô sejam feitas por determinados jogadores mas de facto, não há o cuidado durante os treinos, até porque houve, enfim uma redução de treinos, mediante o contexto actual da equipa, não há tempo para conseguirmos especializar os jogadores nessa função.

**A.M.:** Relacionando o tema com a formação, acha importante a especialização de funções? Em que altura?

**T.B.:** Eu acho que a especialização de funções poderá surgir quando o jogador, o próprio jogador sentir que aquela é a posição onde se sente mais confortável, onde é mais eficaz, é onde gosta de jogar e onde consegue jogar dentro do modelo de jogo, digamos os princípios que o treinador definiu. Quando ele se sente bem, quando ele começa a perceber que realmente é mais eficaz em determinada posição em detrimento de outra, acho que aí sim deve começar a haver especializações, não esquecendo porém, as outras posições porque no futsal como toda a gente sabe, é um jogo muito rápido onde todos os jogadores passam por todas as funções. É necessário que ele perceba que um jogador é específico de pivô mas quando estiver na ala tem que ter comportamentos diferentes daqueles que tem na posição de pivô, de fixo, etc., etc. Portanto, acho que sim, que na formação deve haver, mas acho que é um pouco, deve ser deixado um pouco ao carácter do jogador, embora eu pense que isto acontece mais a partir dos juvenis, porque antes não vejo as crianças com capacidades para decidir...devem experimentar tudo e a partir daí acho que sim, deve ser específico e deve ser especializado.

**A.M.:** Há autores que referem que a própria modalidade é propícia ao desenvolvimento da universalidade de funções nos jogadores. Concorda? Que razões aponta para tal?

**T.B.:** Concordo, ainda à pouco disse isso, que o futsal é um desporto colectivo que todos os jogadores passam por todas as funções, mesmo o guarda-redes, cada vez mais e a tendência é essa, evoluir nesse sentido. Por isso concordo que realmente deve ser, os jogadores devem ser capazes de perceber que em determinado momento, em determinada posição têm que tomar um determinado comportamento, noutra posição outros comportamentos ou diferentes comportamentos.

**A.M.:** Consegue determinar um marco na evolução do Futsal que coincida com uma maior universalidade de funções? Se sim, qual?

**T.B.:** Eu acho que, a universalidade apareceu quando as pessoas começaram a falar no 4:0 e as pessoas começaram a ficar doentes com o 4:0. Embora, eu admita que realmente o 4:0 é o sistema que provavelmente seja o mais complexo, talvez seja o mais evoluído e digo evoluído porque em termos de complexidade, em termos de soluções para o que quer que seja durante o jogo, parece-me a mim que é o que oferece mais soluções mediante as equipas adversárias e aquilo que as equipas adversárias fazem, parece-me a mim que o 4:0 dentro das limitações é o que oferece mais soluções, se as equipas não pressionam, se as equipas pressionam, enfim. Porque é fácil com o 4:0 modificar, com pequenas modificações se alteram de um 4:0 para um 2:2, apenas alguma distancia entre os alas, é fácil modificar o 4:0 para um 3:1. Portanto parece-me a mim que o 4:0 de facto, foi o marco, o aparecimento do 4:0 foi o marco para que as pessoas começassem a falar no 4:0 e começassem a ver que realmente os jogadores por ser um 4:0, por ser rotativo, por ser dinâmico precisariam obviamente de ser universais de passar por todas as posições, de perceber em todas as posições. Portanto acho que, que o

aparecimento do 4:0 e o trabalho específico do 4:0 foi aí que começou a universalidade ou o aparecimento do trabalho em função da universalidade.

**A.M.:** Como caracteriza um jogador universal?

**T.B.:** Boa pergunta. Um jogador universal, é um jogador que basicamente para mim, consegue cumprir nas diferentes posições e nos diferentes momentos de jogo, consegue cumprir com relativa facilidade e com bastante eficácia todos os comportamentos que o treinador quer nas diferentes posições. Consegue cumprir os princípios de jogo da equipa com eficácia relativamente constante todos aqueles princípios que estão definidos para a equipa e que a equipa precisa que aquele jogador, naquela posição, faça, tome aquele comportamento. E ele com relativa facilidade em qualquer posição que esteja no campo é capaz de adoptar esse comportamento, quer a atacar, quer nas transições, quer a defender.

**A.M.:** Concorda com alguns autores quando se diz que a universalidade é característica do jogador evoluído?

**T.B.:** Não. Concordo e não concordo. Concordo, porque realmente um jogador que seja capaz de executar exactamente aquilo que eu disse anteriormente durante um jogo e que seja capaz de estando a fixo, estando a pivô, estando a ala seja capaz de atacar e defender com a mesma eficácia de outro jogador e conseguindo fazer todos aqueles princípios e realizar todos aqueles comportamentos que se pede à equipa que tenha em determinados momentos de jogo, é de facto um jogador inteligente, é de facto um jogador evoluído. Mas penso, como disse à pouco que não é por um jogador ser especial e ser específico na posição de pivô, não é por um jogador ser pivô, ser fixo que deixa de ser menos evoluído, deixa de ser menos eficaz. Torna-se mais eficaz naquela posição não nas outras mas não é menos evoluído, menos inteligente por isso, é mais eficaz naquela posição, utiliza melhor as características dele em função daquela posição, não deixa de ser menos evoluído por isso.

**A.M.:** Acha que estes dois conceitos são antagónicos ou são complementares. Um invalida o outro?

**T.B.:** Nunca tinha ouvido essa frase, mas penso que por um pouco de tudo o que eu disse à pouco, acho que de facto não são diferentes uma da outra, são conceitos, são ideias que se complementam uma à outra, não é por um jogador ser específico ou de uma posição deixa de ser evoluído. Não é por um jogador ser universal que é mais ou menos inteligente que um que portanto...são características dos jogadores e quem tem que as aproveitar, quem tem que ser inteligente para perceber isso e trabalhar isso em função da equipa é o treinador. Tem que potencializar todas as características do jogador em função da equipa. Agora, se ele é mais específico numa posição, se é mais específico noutra posição, isso é o treinador que tem que trabalhar. E se calhar adaptar as suas ideias àquilo que os jogadores podem fazer.

**A.M.:** Ao nível do treino há algum tipo de diferenciação destas duas realidades? Nos exercícios todos os jogadores passam por todas as posições ou há preocupações segundo as características específicas de cada jogador?

**T.B.:** Não. Como eu já disse anteriormente nos treinos, hoje na Fundação todos os jogadores passam por todas as posições. Nós temos inclusivamente alguns exercícios onde dividimos os jogadores por equipas, fazemos 2 contra 2 num campo, 2 contra 2 noutra campo, inclusivamente alguns jogadores de fora e todos eles rodam e temos a preocupação de rodar nas diferentes posições, portanto, há dois jogadores que saem e entram outros, se eles estiveram a atacar passam a defender, se tiveram a defender passam a atacar, se tiveram numa ala passam para a outra, se tiveram a pivô passam para fixo, se tiveram a fixo passam para pivô. Nós temos algum cuidado com isso para mais uma vez salvaguardo nas condições e no contexto que a Fundação está, tendo em conta todo o grupo e todas as limitações, as lesões, alguma falta de qualidade

no plantel nos dias de hoje, tendo em conta todas essas limitações, penso que o mais inteligente no meio desta gestão toda é de facto os jogadores estarem aptos a qualquer momento entrarem para qualquer posição e portanto têm que a treinar, têm que a trabalhar. Fundamentalmente todos os jogadores passam por todas as posições, excepto...mesmo na baliza, ia dizer excepto, mas mesmo na baliza nós trabalhamos, porque trabalhamos o 5 para 4 e o jogador que o faz, o Joker, eles trabalham como guarda-redes.